

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**CENÁRIOS URBANOS: AS RUAS CAMPINENSES E AS
VIVÊNCIAS DO MODERNO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO
XX**

João Paulo França

**Campina Grande – PB
Maio de 2005**

JOÃO PAULO FRANÇA

**CENÁRIOS URBANOS: AS RUAS CAMPINENSES E AS VIVÊNCIAS
DO MODERNO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Humanidades, Unidade Acadêmica de História e Geografia, como exigência para a conclusão da graduação em História.

Orientador: Prof^o. Dr. Fabio Gutemberg R. B. de Sousa

CAMPINA GRANDE – PB

Maio de 2005

JOÃO PAULO FRANÇA

**CENÁRIOS URBANOS: AS RUAS CAMPINENSES E AS VIVÊNCIAS
DO MODERNO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Monografia de conclusão do curso de História.

Aprovado em ____ / ____ /2005

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabio Gutemberg R. B. de Sousa

Orientador

Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha

Examinador

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza

Examinador



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

Campina da minha infância!

**Como eras boa,
sem calçamento,
sem eletricidade,
sem saneamento,
sem praças,
mas, inocente...**

Campina, como me encantavas!...

**Agora crescestes,
estás forte,
robusta,
mas sem aquela inocência
que te fazia humana...**

Ah! Caminho do Açude novo

Como te transformaste!...

Cristino Pimentel

AGRADECIMENTOS

Quando chegamos ao término de uma etapa em nosso caminho, mais das vezes somos tentados a olhar o passado com nostalgia e meras saudades. De certo modo estes não são os sentimentos que gostaria de expressar neste instante que chego ao fim desta graduação em História. Quero sim, olhar o passado e lembrar-me dos esforços que muitos familiares, amigos, colegas e professores dispensaram neste tempo para que hoje eu pudesse chegar até aqui. Externo toda minha gratidão aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para esta minha formação, não só acadêmica, mas principalmente para a vida.

Por meus ideais cristãos, agradeço a Deus por me conceder forças e fé para nunca desistir de prosseguir meus estudos e perseguir meus objetivos, apesar das dificuldades e percalços da vida. Foi sempre nele que busquei inspiração para vencer as atribulações...

Certamente, este trabalho não teria forma se não fosse o incentivo, as contribuições e por que não, a organização e os "prazos" do professor orientador Fabio Gutemberg, que mostrou ser um profissional dedicado e responsável com as obrigações assumidas. A este agradeço por ceder não só parte de seu tempo para prestar as orientações acadêmicas deste trabalho, mas também pela força e paciência, bem como a confiança de repassar parte de seu acervo documental para a pesquisa que empreendi.

Agradeço também as várias contribuições de todos os professores e professoras da Unidade Acadêmica de História desta universidade, que no cotidiano de suas disciplinas mostraram diferentes formas de compreender a história, bem como ser um profissional desta área.

Agradeço aos professores Gervácio Batista Aranha e Antonio Clarindo de Souza, por aceitarem participar da banca examinadora deste trabalho. Ressalto a importância que ambos professores tiveram na minha formação acadêmica. Aos mesmos externo meus agradecimentos.

Continuando no ambiente acadêmico, agradeço aos amigos e amigas, bem como a todos os colegas e colegas que no decurso destes anos conviveram comigo as alegrias, apreensões e descobertas da universidade, formando uma verdadeira

teia de solidariedade, que nos ajudou a vencer muitos obstáculos internos e externos ao mundo da graduação.

Em especial, agradeço ao amigo Lincon César Medeiros de Souza, com quem tive alegria de participar e apresentar trabalhos conjuntos em congressos e encontros acadêmicos. Agradeço especialmente pela humildade que o mesmo teve durante o projeto PIBIC, "Cidades e Culturas na Paraíba – 1900-1950", onde dividiu comigo não só as discussões teóricas e pesquisas, mas também sua própria bolsa de estudos, mostrando sua grandeza de caráter e companheirismo.

Quero lembrar e agradecer também aos colegas da RUN-CG, (Residência Universitária) onde passei os últimos anos do curso, aprendendo importantes lições que certamente utilizarei por toda a minha vida.

Estendo meus agradecimentos ao casal amigo Havelange e Alexleide, que me apoiaram e me acolheram em seu apartamento nesta cidade por mais de um ano. Certamente as conversas diárias que empreendemos muito contribuíram para minha visão crítica da realidade.

Agradeço e dedico este trabalho ao amigo Miguel Arcanjo Cordeiro da Costa, velho conhecido de infância com quem convivi em muitos momentos alegres, tais como o momento que passamos no vestibular. Que Deus o abençoe em seu cotidiano...

Também agradeço de forma especial aos "irmãos Truta", que desde o primeiro momento me auxiliaram nesta caminhada de estudos. A Clemiton Truta, que mais que padrinho, tem sido um verdadeiro pai em minha vida.

Não poderia deixar de mencionar também todo o incentivo que sempre recebi do povo minha terra de coração - Barra de São Miguel - situada no cariri paraibano. Agradeço de forma especial a todos aqueles que me auxiliaram, inclusive materialmente, para que pudesse fazer minhas viagens a Campina Grande.

Agradeço e dedico este trabalho a Aurinha... Alguém muito especial que estou procurando conhecer melhor.

E como não poderia deixar de ser, agradeço especialmente a minha família. Minha mãe, Maria das Neves, e minhas irmãs, Jaqueline e Jaqueline, que mesmo longe nunca deixaram de me incentivar e auxiliar. Meu avô João e minha avó Zefinha, (pai e mãe), que apesar de todas as dificuldades inerentes a qualquer família de agricultores nordestinos, nunca mediram esforços para que eu pudesse

dispor das melhores condições de vida e de estudo. Este trabalho é uma vitória deles.

Por fim, lembro meu pai, onde e como estiver...

RESUMO

Este trabalho busca inserir o espaço da rua nos estudos e análises sobre a cidade moderna. Tendo como recorte espacial e temporal as ruas centrais da cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, busco apresentar caminhos que apontam para a importância do estudo da rua, como espaço para adentrarmos o cotidiano dos indivíduos na cidade. Compreendendo o espaço urbano como um espaço plural, marcado pela diversidade de pessoas e grupos sociais que cotidianamente transitam e voltam sua atenção para o espaço da rua, busco apresentar os diferentes olhares e percepções sobre tal espaço, que acaba sendo criado não só arquitetonicamente, mas também simbolicamente. Para a realização deste trabalho, lancei mão de diferentes fontes, tais como: jornais de época, inclusive suas propagandas, memórias e crônicas, bem como toda uma bibliografia que se reporta a análise da cidade moderna e da "cultura" ou "culturas da cidade". Por fim, recompondo através das fontes alguns percursos pelas ruas da cidade de Campina Grande, busco compreender e apresentar diferentes territórios que são formados a partir das particularidades dos seus habitantes, que mais das vezes com seus usos e costumes acabam por redimensionar o espaço urbano.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo 1: Por uma História Urbana: a rua como <i>lócus</i> no estudo das vivências e territorialidades na cidade moderna.....	08
1-1 Os indivíduos nas ruas: a rua na história.....	13
Capítulo 2: Campina Grande: “autoridades, letrados, técnicos e populares” a cidade em diferentes olhares.....	24
2.1- O discurso do “progresso e civilização”: Letrados e cronistas reivindicam melhorias para a cidade.....	30
2.2- O discurso técnico e os indivíduos das ruas: redimensionamentos e vivências em torno do moderno.....	37
Capítulo 3: Itinerários campinenses: percursos, memórias e territórios.....	45
3.1- “Cousas da cidade”: um olhar diuturno sobre as ruas da cidade.....	52
Considerações Finais	61
Fontes de Pesquisa.....	63
Bibliografia.....	65

INTRODUÇÃO

Estudar o cotidiano campinense na primeira metade do século XX. Este foi o desafio que me norteou na pesquisa para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso. Contudo, quando me refiro ao cotidiano, não estou me reportando apenas a aspectos pitorescos nem estou preocupado em apresentar uma série de fatos corriqueiros. Ao contrário, estou buscando compreender como os indivíduos se comportam em determinados ambientes e como estes ambientes interferem no modo de agir das pessoas.¹ Tendo isto em mente, compreendo que para estudarmos o cotidiano devemos nos reportar a cenários concretos onde os indivíduos desenvolvem suas vivências e constroem suas redes de sociabilidade, o que mais das vezes implica em redimensionar os espaços, construindo territórios² e atribuindo-lhe novos significados.

Este trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisas e leituras em torno das temáticas sobre “cidade” e “cultura”, ou “culturas da cidade”, desenvolvidas principalmente durante o período que participei, como pesquisador voluntário, do projeto de pesquisa “Cidades e culturas na Paraíba: 1900 -1950”.³ A partir destas temáticas gerais, leituras e pesquisas complementares buscaremos compreender como no período de 1900 a 1950 os moradores da cidade de Campina Grande vivenciaram as transformações pelas quais a cidade passou. Delimitando mais especificamente meu objeto de estudo, enveredei pela pesquisa sobre o espaço da rua, objeto da pesquisa e vista neste caso como ponto singular de vivências e experiências cotidianas que no conjunto formam uma verdadeira teia de relações, que somadas a outras experiências no espaço urbano, dão vida à própria cidade.

¹ É importante afirmar que não se trata de uma visão a partir do “determinismo geográfico”, onde o meio é que define ou explica todos os comportamentos do homem. Busco apresentar o meio como o cenário concreto onde se desenvolvem vivências e territorialidades construídas pelos indivíduos.

² A noção de território que utilizaremos neste trabalho é baseada em ROLNIK, Raquel. História urbana: História na cidade? IN: *Cidade e história*. FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio A F. (Orgs) Salvador: UFBA/ Faculdade de Arquitetura. Mestrado em arquitetura e urbanismo: ANPUR, 1992, p. 27-29.

³ Projeto PIBIC, coordenado pelo professor Fábio Gutemberg R. B. Sousa, desenvolvido durante os meses de agosto de 2003 e julho de 2004.

Partindo do uso de fontes como jornais de época, propagandas, memórias, e crônicas, procuro observar as mudanças que ocorreram nas ruas de Campina na primeira metade do século XX. É importante, entretanto, fazer algumas considerações em torno das fontes para o estudo da urbanização e modernização das cidades. Nos trabalhos pesquisados é bastante singular a forma como os historiadores lançam mão das mais diferenciadas alternativas de conhecimento e visitação do passado. Não só documentos oficiais das repartições públicas, como por muito tempo pregou a Escola Positivista, são importantes na investigação histórica. Atualmente variados trabalhos lançam mão de diferentes fontes, desde a fotografia, memórias, jornais de época até a literatura ficcional. Este rol de fontes tem ampliado bastante os campos para a pesquisa histórica, permitindo investigações de diferentes temáticas e objetos.

Neste trabalho, como já mencionado, parto da pesquisa em jornais de época, propagandas, memórias e crônicas. A este respeito cabem ainda dois registros: o primeiro deve-se as ressalvas no tocante aos jornais campinenses, feitas por Sousa.⁴ Segundo este,

Os jornais consultados dificilmente escapam do universo (...) referido (bacharéis, médicos, religiosos e letrados diversos, que são também os novos políticos, ligados quase sempre por laços de parentescos ou enlaces matrimoniais aos velhos e tradicionais coronéis e proprietários de terra). Seus proprietários, gerentes, redatores e articulistas faziam parte do mesmo rol: são políticos, proprietários rurais e comerciantes, intelectuais a esses vinculados por laços diversos e deles dependentes na maioria das vezes. Talvez um ou outro não tivesse relação de dependência com os grupos que economicamente dominavam, sendo antes os seus esteios, no sentido de mudar sua mentalidade e comportamento para aproximá-los dos chamados valores modernos.(SOUSA: 2001: 57).

E visível como os jornais campinenses do período investigado são de certo modo porta-vozes de alguns setores da sociedade da época. São jornais que, via

⁴ SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. *Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande de 1920 a 1945*. Doutorado em História, Campinas, Unicamp: 2001.

de regra, estavam vinculados a determinados segmentos políticos e sociais locais. Diante deste quadro cabe o segundo registro, que diz respeito à aparição dos populares neste tipo de fonte. Certamente os mesmos não aparecem de maneira direta, mas podemos encontrá-los indiretamente em confrontos com as autoridades ou mesmo desenvolvendo atividades que iam de encontro àquelas desejadas e decantadas por técnicos, políticos e letrados como modernas.

É nos processos crimes, fonte utilizada largamente nos trabalhos de Sousa⁵, que os populares são encontrados de maneira mais intensa, mesmo que através do filtro de membros letrados da sociedade. Sousa utiliza em seu trabalho os processos crimes e também dos anúncios e propagandas de jornais. Segundo este autor, trabalhar apenas com a literatura não permite a recuperação das vivências, dos usos e costumes das camadas mais pobres da cidade. Assim, os processos crimes se impõem como fonte na busca de uma melhor compreensão destas vivências. Para este trabalho utilizo algumas das histórias recuperadas por Sousa a partir dos processos crimes em sua tese de doutorado.⁶

Contudo, não basta apenas recuperar as vivências e atitudes dos indivíduos em determinadas situações. Também se faz necessário recuperar o espaço onde estas vivências se desenvolveram. Sendo assim, desenvolvo este estudo histórico das ruas, pois este certamente é um meio de compreender as transformações por que a cidade passou e é uma entrada diferente no cotidiano dos seus moradores. Para isto, parto do pressuposto de que a cidade é um espaço plural marcado pela diversidade sócio-cultural dos que nela vivem, o que me faz problematizar os olhares e estudos que a vêem como algo homogêneo ou de uma perspectiva panorâmica, deixando de lado a diversidade que é uma das marcas da cidade moderna. Esta idéia é baseada nos atuais estudos em que a "cidade-memória" é o objeto, questão e/ou problema central.⁷ Segundo Maria Izilda Matos,

Contemporaneamente percebem-se no cotidiano da cidade as tensões vivenciadas de forma diversificada por seus

⁵ SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. , Idem.

⁶ Ib idem.

⁷ MATOS, Maria Izilda S. Prefácio In: *A cidade em debate*. MATOS, Maria Izilda S.e SOLLER, Maria Angélica (orgs). São Paulo: Ed. Olho d'água, 1999.

habitantes, o que contrasta com as representações nos estudos acadêmicos, técnicos e oficiais nos quais a cidade se apresenta como unidade. Na realidade, a cidade é múltipla. As tensões urbanas surgem como representações do espaço-suporte de memórias contrastadas, múltiplas, convergentes ou não, mas que delineiam cenários em constante movimento, em que esquecimentos e lacunas constroem redes simbólicas diferenciadas. Discursos diversos fazem da cidade lugar para se viver, trabalhar, rezar, observar, divertir-se, misturando-se os laços comunitários e étnicos, criando espaços de sociabilidade e reciprocidade, no trabalho e no lazer, em meio às tensões historicamente verificáveis (MATOS: 1999:9)

É na cidade que toda esta interação se dá. É na mesma que os indivíduos desenvolvem todas estas redes de sociabilidade. A cidade não deve ser vista meramente a partir do véis político-administrativo ou econômico. O espaço da cidade está carregado de vivências e de territorialidades.

Buscarei discutir as questões sugeridas até o momento a partir de pressupostos da história social da cultura, ou seja, privilegiando aspectos que marcaram as vivências dos indivíduos nos diferentes espaços da cidade. Tendo em mente a observação feita por Silva Filho⁸, podemos fazer algumas considerações a respeito dos estudos sobre a cidade, em especial, a cidade dita moderna:

A cidade não se permite apreender de forma integral e universalizante, torna-se cognoscível em suas múltiplas facetas – ritmos, aspirações, logradouros, monumentos, conflitos, sonhos, edificações, representações culturais, movimentos, identidades, utopias, territórios, memórias, imagens... e, por que não, objetos. (SILVA FILHO: 2001:15-16)

Portanto, a cidade pode ser compreendida e representada a partir de várias visões e versões.⁹ O real pode ser observado a partir das experiências cotidianas

⁸ SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo e. *Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

⁹ Citando Canevacci, o mesmo autor mencionado na nota anterior observa que “Conhecer a cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas (Canevacci, 1993:35). Op cit. pp. 14-15.

dos indivíduos que tem suas vivências e territorialidades neste espaço. Podemos representar este real a partir de toda uma documentação, de fontes que utilizamos para apresentar uma versão aproximada deste real vivido pelos cidadãos. No caso especial deste trabalho investigo o cotidiano dos campinenses na primeira metade do século XX.

Não perdendo de vista a dinâmica do cotidiano urbano, parto das especificidades dos indivíduos, com seus usos e costumes dos espaços das ruas, o que mais das vezes significa redimensionar tais espaços, dando-lhes novas atribuições, diferentes daquelas idealizadas e desejadas por autoridades, planejadores urbanos e letrados. Para observar tais práticas e usos, o estudo das ruas se faz necessário, visto que são nas mesmas que se desenvolvem as tramas cotidianas e as transformações materiais pelas quais a cidade passou no recorte temporal investigado.

Para esta análise, como já foi mencionado, partirei da especificidade que a rua tem, pois já não podemos imaginar a cidade como algo uno, homogêneo, com as experiências do moderno iguais em suas diferentes artérias. Afinal, a cidade é um espaço plural, marcado principalmente pela diversidade. Esta diversidade é perceptível pelas características de cada rua, pelas especificidades criadas por seus moradores e transeuntes, etc. Sendo assim, pressupostos da história social da cultura me permitirão recuperar através das fontes, fragmentos deste passado, possibilitando observar como os diferentes grupos sociais e os moradores recebiam as mudanças que estavam ocorrendo no espaço das ruas da cidade e também como estes mesmos grupos e indivíduos se apropriavam destas mudanças e as redimensionavam no seu cotidiano.

Neste trabalho buscarei compreender um pouco destas lógicas. Isto mesmo, "lógicas" no plural, pois o que percebemos é a multiplicidade de interesses que marcavam o cotidiano da cidade. Não podemos simplesmente afirmar que havia ou não grupos que compartilhavam e defendiam homogeneamente determinado projeto de reforma, pois muitas vezes a lógica e os interesses individuais nem sempre são os mesmos dos grupos sociais. Portanto, compreendendo-se a cidade como este espaço plural, característica da dinâmica

do mundo moderno, este trabalho aponta para a busca da inserção da importância que o espaço da rua pode oferecer para a análise das transformações que as cidades, em especial Campina Grande, passaram com o advento do moderno no século XX.

Não podemos analisar a cidade moderna como algo pronto e acabado. A própria noção de moderno tem sua historicidade e não podemos utilizá-lo sem fazer ressalvas. Significativa contribuição aos estudos das experiências urbanas do norte brasileiro foi dada pelo professor Gervácio Batista Aranha.¹⁰ Segundo este, a principal marca do mundo moderno seria o “turbilhão” da pressa cotidiana em cidades como Londres e Paris no século XIX. Contudo, voltando o olhar para as cidades brasileiras do mesmo período, este turbilhão não é perceptível. Isto não significa que as cidades brasileiras não sejam também decantadas como tendo um maior ou menor grau de civilidade por parte dos cronistas, letrados e elite. Equacionando o problema, o professor Aranha propõe que nas experiências urbanas brasileiras há um “limite físico” e, apesar deste limite, estas cidades não deixam de ter contato com um ou outro símbolo moderno. Portanto, os símbolos ou equipamentos modernos são as referências para os letrados contemporâneos do grau de civilidade das nossas cidades.

Para percorrer todo o caminho traçado até o presente momento, passarei a uma apresentação da forma como está estruturado o presente trabalho. O mesmo se inicia com o capítulo intitulado **Por uma História Urbana: a rua como *locus* de estudo das vivências e territorialidades na cidade moderna**. Neste primeiro capítulo, como o próprio título indica, busco apresentar e analisar elementos que justificam o objeto central de todo este trabalho: o espaço da rua como lugar privilegiado para o estudo das experiências urbanas modernas. Neste sentido, busco trilhar um caminho diferente (que necessariamente não significa ser novo) na pesquisa histórica sobre o cotidiano e as territorialidades dos indivíduos no espaço concreto das ruas, que acabam por dar vida ao espaço urbano.

¹⁰ ARANHA, Gervácio Batista. Visões da modernidade urbana: A experiência Nortista. IN: *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e região: Tramas Políticas-Econômicas e Práticas Urbanas (1880-1920)*. Doutorado em História, Unicamp, Campinas, 2001: 249-317.

No segundo capítulo, intitulado **Campina Grande: autoridades, letrados, técnicos e populares - a cidade em diferentes olhares**, busco apresentar e questionar os diferentes olhares que por sua vez geram diferentes discursos quanto aos equipamentos de conforto e símbolos do mundo moderno. Procuo observar como as “lógicas”, os interesses em relação a tais equipamentos eram diferenciados entre grupos e mesmo dentro de um mesmo grupo social, afinal os interesses e visões nem sempre são convergentes dentro de um mesmo espaço de convivências. Assim, mesmo que encontremos letrados decantando o progresso material campinense no período investigado, também encontramos letrados que reclamavam por melhorias em serviços básicos, tais como a higiene pública e a luz elétrica. Também, mesmo que encontremos autoridades e técnicos investidos de um discurso progressista, buscando interferir nos espaços de vivências de populares, acabamos percebendo que os populares também desenvolvem toda uma percepção desse mundo e nele recriam territórios, desenvolvem redes de solidariedade e até ridicularizam as “reformas urbanas” intentadas por autoridades e camadas mais abastadas da sociedade.

Por fim, no último capítulo, que tem por título **Itinerários campinenses: percursos, memórias e territórios**, busco, a partir dos jornais de época e das memórias escritas de Francisco Maria, Hortensio de Souza Ribeiro, Antonio de Moraes e, principalmente, Cristino Pimentel, recuperar alguns percursos feitos nas ruas campinenses. Seguindo descrições dos locais e das memórias dos autores mencionados, analiso alguns espaços da cidade na primeira metade do século XX. De certo modo procuro perceber como estas descrições podem ser uma importante porta de entrada para recuperar aspectos do cotidiano dos moradores de determinadas ruas, que somadas a outras experiências vividas por outros indivíduos naquele espaço, acabam por tornar “vivo” e dinâmico, ou dar uma nova dimensão ao espaço da cidade.

Capítulo 1

POR UMA HISTÓRIA URBANA: A RUA COMO LÓCUS DE ESTUDO DAS VIVÊNCIAS E TERRITORIALIDADES DA CIDADE MODERNA

O presente capítulo busca inserir uma nova fonte para auxiliar o historiador nas suas investigações a respeito da “cidade” ou das “culturas da cidade”. Trata-se da importância do espaço da rua, visto como um espaço construído arquitetônica e simbolicamente. Não é um mero espaço construído com casas ladeadas, separadas por calçadas e pela via onde transitam os indivíduos, automóveis, animais, etc. É isto e muito mais. A rua tem seu espaço físico, mas também tem seus territórios que são construídos pelos diferentes transeuntes e moradores que nela moram ou que por ela passam cotidianamente. É um espaço que tem uma temporalidade que se inscreve não só nas fachadas das casas e edifícios, mas que se cristaliza na memória dos indivíduos, que acabam por representá-lo em documentos escritos, tais como jornais, crônicas, memórias, etc.; em documentos visuais, como fotografias e também por meio da própria fala, que revela a memória, não só daquele indivíduo, mas de certo modo a memória que o grupo ao qual o mesmo pertence constrói acerca de tal espaço.

Compreendo que para estudarmos as transformações pelas quais passou a cidade de Campina Grande durante o século XX, podemos partir do estudo de algumas de suas ruas, principalmente as centrais. Contudo, por que a rua como elemento inicial? Encontramos em Maria Paula do Amaral Dick¹¹ algumas justificativas para este empreendimento. Segundo esta autora

A rua é ponto singular de atração da cidade, um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. Para ela tudo converge, desde o fato corriqueiro do dia a dia, o simples entra e sai das casas até as grandes comemorações solenes ou festivas (DICK, 1996:133).

¹¹ DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O nome da rua IN: *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo, 1996:131-269.

Percebe-se por este fragmento que quando nos deparamos com o espaço da rua, estamos na verdade diante de algo que está praticamente incorporado a nossa vida, sem que, contudo, paremos para refletir sobre sua dinâmica e sobre sua influência no nosso dia a dia. Para a rua tudo converge e é na mesma que encontramos uma das principais características do mundo moderno urbano, que é a pressa, a agitação, o barulho, enfim, as “marcas do triunfo da modernidade”.¹²

Sendo assim, percebo que o espaço da rua pode nos oferecer importantes contribuições para a pesquisa histórica. Para que este estudo pudesse ser realizado lancei mão, entre outras contribuições, a de Raquel Rolnik.¹³ Esta autora faz importantes considerações a respeito da história urbana e enfatiza a atenção que o historiador deve ter com relação a este campo de investigação. Importante diferenciação entre a noção de “território” e “espaço” é feita por Raquel Rolnik:

Contrapondo-se a noção de espaço à noção de território, há uma relação de exterioridade do sujeito em relação ao espaço e uma ligação intrínseca com a subjetividade quando se fala em território. O território é uma noção que incorpora a noção de subjetividade. Não existe um território sem um sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito. O espaço do mapa dos urbanistas é um espaço; o espaço real vivido é o território (ROLNIK, 1992:28).

Neste fragmento é perceptível que a autora busca mostrar para o historiador que ele pode dispor do território e do espaço como *locus* importantes para o estudo da cidade. Segundo a autora, o espaço se assemelha a “um arquivo”, “um papel no arquivo”, “um registro”, e é a partir das vivências e apropriações dos sujeitos neste espaço que o mesmo deixa de ser um mero espaço “frio” e sem “vida”, para tornar-se um território, construído a partir das diversas redes de sociabilidade que aí se formam. Acolho esta diferenciação de

¹²ARANHA, Gervácio Batista. *Visões da modernidade urbana: A experiência Nortista*. IN: *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e região: Tramas Políticas-Econômicas e Práticas Culturais (1880-1920)*. Doutorado em História, Unicamp, Campinas, 2001: 249-317.

¹³ROLNIK, Raquel. *História urbana: História na cidade?* IN: *Cidade e história*. FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio A. F. (Orgs.) Salvador:UFBA/ Faculdade de Arquitetura. Mestrado em arquitetura e urbanismo: ANPUR, 1992, p 27-29.

“espaço” e “territorialidade” e acrescento que uma das variáveis onde encontramos mais nitidamente definida esta construção da territorialidade é no espaço da rua. Segundo a própria Rolnik:

Uma rua para além de ser um lugar onde se passa ou se deixa de passar, uma rua está carregada de história, está carregada de memória, está carregada de experiências que o sujeito teve, que seu grupo teve e que a história de seu grupo naquele espaço teve (ROLNIK, 1992:28).

Fica claro para Rolnik, que o espaço não deve ser visto apenas como o “espaço função”, mas deve ser compreendido, nas palavras da própria autora, como “marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como cartografias das relações sociais”. Observemos no fragmento seguinte a forma como um determinado espaço da cidade de Fortaleza é apropriado pelos diferentes indivíduos e grupos sociais, constituindo-se de certo modo em diferentes “territórios”. Segundo Silva Filho¹⁴:

Obviamente, quando se fala sobre o espaço público não se pode ignorar seus diferentes usuários. Os segmentos populares ainda mantêm um convívio intenso e diversificado nas praças e calçadas do centro da cidade. Ali são gravadas as marcas de sua presença, transformando os logradouros em locais de trabalho, encontro e lazer nos diferentes horários do dia. Na Praça Jose de Alencar, por exemplo, ambulantes e vendedores de sanduíche estão lado a lado com homens que pregam o evangelho, passantes, engraxates, pedintes, mototaxistas, batedores de carteira, desempregados, policiais, bêbados e “artistas de rua” – com suas atrações que mais lembram pequenos circos ao ar livre. Ao cair da noite, surgem outros territórios, agora mais relacionados ao ofício de prostitutas e travestis, além de “bares itinerantes” que são montados nas calçadas, e da animação musical a todo volume. Em fins de semana, vários jovens de periferia aproveitam o pouco movimento comercial para mostrar suas habilidades no skate, fazendo da calçada e de uma pequena elevação da praça o ambiente para suas manobras e disputas.

¹⁴ SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo e .*Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

É comum observar pessoas conversando, esperando um amigo, escutando o futebol pelo rádio ou mesmo jogando dama e baralho – inúmeras maneiras de usar o espaço, dando-lhe novas significações (SILVA FILHO, 2001:41).

Percebe-se por este trecho como o mesmo espaço pode ser usado e apropriado de variadas maneiras pelos indivíduos. Estes, criam toda uma rede de relações no cotidiano e constroem diferenciados territórios. Cada indivíduo, bem como cada grupo acaba por resignificar o mesmo espaço, atribuindo-lhe sentidos mais das vezes bastante díspares. No fragmento mencionado é visível a forma como os transeuntes e grupos de indivíduos se “apropriam” do espaço da Praça Jose de Alencar, em Fortaleza. A descrição que Silva Filho faz deixa bem claro que o espaço físico pode ser o mesmo, mas os grupos sociais e os indivíduos têm intenções bem diferenciadas neste espaço. Sendo assim, é visível que não podemos homogeneizar as relações sociais no mundo moderno, mas devemos compreender que esta modernidade é bastante múltipla. Uma das formas de compreender esta multiplicidade de sentidos é justamente no cotidiano das ruas.

Percebendo a importância do espaço e da sua apropriação no cotidiano pelos indivíduos, ou seja, esta territorialidade que é construída, que é reinventada e que é vivida no espaço das ruas, diferentes olhares e sentidos se constituem. Para letrados e elite, bem como os próprios governantes, o espaço das ruas é um espaço que sempre se deve buscar intervir para que seja “garantida” a “ordem” e a “disciplina”. Por sua vez os populares também estão a lançar sua atenção para o espaço das ruas, afinal é nestas que os mesmos devem desenvolver aptidões e sociabilidades que garantam sua sobrevivência. Seguindo o pensamento anteriormente exposto, podemos encontrar nas autoridades e letrados o desejo, a ânsia de intervir no espaço público para transformá-lo em um espaço condizente com aquilo que os mesmos proclamam como moderno. Certas ruas e espaços aparecem nesses discursos como uma espécie de “cartão de apresentação da cidade”.

De certo modo investigações próximas a que realizei neste trabalho foram e estão sendo feitas a respeito da cidade de Campina Grande, como por exemplo, o trabalho de Sousa¹⁵ :

A idéia central deste capítulo é identificar os lugares e territórios e os usos que deles faziam os moradores de Campina Grande, no período de 1920-1945. Identificar onde viviam carregadores, operários da indústria e da construção civil, prostitutas, engraxates, jornaleiros, policiais, carregadores, bodegueiros, artistas, agricultores, domesticas, médios e grandes comerciantes, proprietários de terra, industriais e banqueiros; usos que faziam de alguns espaços e territórios e suas relações e tensões num momento de reforma nas áreas centrais da cidade(...). São tentativas de compreender como projetos e intervenções imbuídas de um certo discurso cientificista e ares utópicos deixam à margem ou desconsideram as diferenças e usos cotidianos dos espaços e territórios da cidade, que fazem desses mais do que simples lugares do comércio, letras, residências e indústrias, ou, como quer esse discurso, lugares de progresso e civilização; ou mesmo, que fazem do comércio, das residências e indústrias, das letras e do progresso noções e lugares também de conflitos, onde, portanto, cada um desses termos pode ser lido e vivido de maneira diferente. (SOUSA: 2001:34)

O trabalho de Sousa de certo modo busca investigar as territorialidades construídas pelos indivíduos e a forma como os mesmos se apropriavam dos espaços da cidade e serviu de referencial para muitas das questões que aqui discuto. Contudo, este trabalho difere do proposto por Sousa em alguns aspectos, tais como os recortes temporal e espacial e as fontes utilizadas. Enquanto Sousa busca analisar diferentes aspectos de Campina Grande, enfatizo mais o espaço das ruas e as apropriações desses espaços feitas por seus moradores. No tocante a utilização das fontes, não me detive aos processos crimes, como Sousa o faz, mas utilizei principalmente jornais e propagandas, bem como memórias e crônicas

¹⁵ SOUSA, Fabio Gutemberg R. B., "Capítulo 1 "Territórios em movimento: as ruas e seus personagens" IN *Cartografias e Imagens da cidade: Campina Grande- 1920-1945*. Doutorado na UNICAMP defendido em março de 2001.

para recuperar a importância e significado dos usos das ruas pelos habitantes de Campina Grande na primeira metade do século XX.

1.1- Os indivíduos nas ruas: a rua na história.

Para a formação de uma rua, primeiro fazem os pés dos viandantes o trilho, o risco de terra batida na grama (...). Depois, vem o caminho. Aí a enxada trabalhou. Os cupins foram destruídos, o mato foi cortado (...) Mais tarde, a estrada. Com nome, com cerca, com algum pedaço de muro, com duas ou três casas, com a venda na encruzilhada. Finalmente surge a rua. A cidade, então, já tem Câmara Municipal, já tem vigário (...) Nesta fase da construção do urbanismo, a rua é como uma dependência da casa ou do quintal da casa (DICK: 1996:273).¹⁶

Esta descrição foi feita por Paulo Cursino de Moura, lembrando a formação de São Paulo. Segundo Bresciani,¹⁷ estes são momentos comuns às cidades brasileiras. De certo modo, quando caminhamos pelas pequenas cidades do interior do país podemos perceber mais claramente este momento em que um caminho ou vereda passa a ter elementos que lembram uma rua. Obviamente o próprio espaço da rua não existe desde sempre, é um espaço construído em um determinado momento. É um espaço feito a princípio por indivíduos que sentem a necessidade de viverem próximos, seja para se defenderem, seja para se ajudarem mutuamente. O que é perceptível é que o homem passa a ocupar cada vez mais espaços próximos, que acabam por criar toda uma rede de solidariedade, amizades, ou mesmo de intrigas, enfim, uma rede de vivências.

Observemos a seguinte conceituação de rua da cidade moderna feita por Walter Benjamim e citada por Bresciani¹⁸. Para Benjamim,

¹⁶ DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O nome do beco IN: *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo, 1996.p 263-297.

¹⁷ Maria Stella Bresciani também faz esta citação no texto "História e historiografia das cidades um percurso". IN: *Historiografia brasileira em perspectiva*. FREITAS, Marcos César (org.). São Paulo, Contexto, 1998:237-258

¹⁸ *Ib idem*.

Para ser compreendida, a “rua” deve se desembaraçar da noção mais antiga de “caminho”. [...] O caminho leva em si os terrores da errância, que aureolam os chefes das tribos nômades. [...] Já aquele que toma uma rua não tem, aparentemente, necessidade de uma mão que o aconselhe e o guie. Na rua, o homem não se entrega a errância; ao contrário, ali ele sucumbe ao fascínio da faixa de asfalto que se desenrola frente a ele monótona (BRESCIANI, 1998:239-240)

Podemos perceber neste fragmento a sensibilidade que Benjamim tem ao mostrar como surge a rua e como os indivíduos se entregam a mesma. O crescimento das cidades de certo modo obrigou os indivíduos a se adaptarem ao novo estilo de vida. Escutemos um dos entrevistados de Antonio César de Almeida Santos¹⁹:

Meu roteiro era sempre o mesmo. Nessas partes que eu ia, elas praticamente continuam as mesmas. Eu ia de carro. Depois houve, vamos dizer assim, as ruas passaram a tomar outro sentido, as ruas passaram a pegar sentido único, aí começou a [inaudível] a cabeça. Saía de noite, tinha que pensar como voltar para casa. Tinha a rua do expresso, fechada, não podia entrar em qualquer rua, tinha que analisar como podia vir para casa. Tinha que fazer um roteiro para andar dentro da cidade. Um planejamento para chegar em tal rua. Antes não, você saía de casa, ia virando uma esquina, outra, você podia entrar em qualquer lado que quisesse. Você não pode mais. Aí a gente começou a sentir que Curitiba começou a crescer demais. E o movimento dos carros, intenso, é impressionante. Os prédios. É a expansão da cidade. (ALMEIDA SANTOS: 1999:235).

Se a principio a rua serviu como sinal de segurança para os viajantes que após longas caminhadas avistavam uma localidade, hoje nas grandes cidades é perceptível que esta é uma sensação cada vez mais rara. A sensação de desconforto se expressa claramente no semblante das pessoas que trafegam no

¹⁹ ALMEIDA SANTOS, Antonio César de. “Curitiba: depoimentos da transformação urbana. IN: *A cidade em debate*. MATOS, Maria Izilda S.e SOLLER, Maria Angélica (orgs). São Paulo: Ed. Olho d’água, 1999, pp 211-245. A partir de depoimentos este autor mostra como as pessoas receberam as mudanças pelas quais passou a cidade de Curitiba – PR, nas últimas décadas do século XX.

espaço urbano, seja transeunte ou mesmo motoristas. Para aquele, o espaço das ruas é quase que exclusivo de automóveis, que mais das vezes em alta velocidade as cortam e por elas passam. Para o motorista também é difícil o deslocamento, pois tem que ter atenção redobrada para não ser multado, perder uma entrada ou mesmo evitar uma contramão. Mesmo a “faixa que se desenrola monótona” tem suas armadilhas, afinal, segui-la cegamente pode levar a locais indesejados e fora da trajetória pensada inicialmente. Não é por acaso que o curitibano entrevistado elabora “mapas imaginários” previamente.

Ainda sobre os desafios de se locomover em uma grande cidade, passemos a palavra a Bresciani²⁰.

Mas não só transitar motorizado pelas ruas tornou-se uma tarefa extremamente cansativa, demorada e perigosa; também percorrer a cidade a pé não significa uma atividade amena. Na edição de domingo, 23 de março último [1998], o título de uma matéria do caderno cidades do mesmo jornal [O Estado de São Paulo], diz em letras garrafais: **“Andar pela calçada vira prova de obstáculos.** [E em seguida detalha o problema dizendo que] entre lixeiras, orelhões, bancos, caixotes, mesas e cadeiras instaladas a pouca distância, os paulistanos têm dificuldade de caminhar, especialmente na região central. [os problemas não se esgotam aí. O articulista prossegue projetando uma imagem extremamente negativa ao afirmar que] **caminhar pelas ruas de São Paulo é uma temeridade.** É expor-se a cada passo ao susto de um empurrão súbito e queda de mau jeito, à dor de uma cotovelada, à humilhação de ser roubado em plena luz do dia [...] [a situação torna-se a cada dia mais complicada. Mais amedrontadora. E conclui:] **assim é a idéia e a imagem da capital que se propagam pelo Brasil e mundo afora.** [grifos nossos] (BRESCIANI, 1998:251).

Este relato recente ilustra como atualmente andar pelas ruas de uma grande cidade torna-se “uma prova de obstáculos”. A pressa e a agitação de uma multidão que cotidianamente trafega pela rua, associado a uma falta de organização do espaço das calçadas faz com que se crie uma “imagem” negativa

²⁰ BRESCIANI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. IN: *Historiografia brasileira em perspectiva*, FREITAS, Marcos Cezar (org). São Paulo, Contexto, 1998: 237-258.

das grandes cidades. Reportando-se ao espaço de Campina Grande nas décadas de 1940 e 1950 seus jornais e cronistas denunciam que as ruas da cidade estão cada vez mais intransitáveis. Observemos algumas denúncias e incômodos com certos usos da rua apresentados na coluna "Isto acontece em Campina" do jornal *O Momento* de 30 de setembro de 1950:

Já está no tempo de parar o abuso de lavar carros no meio da rua. Campina Grande não é mais uma cidade matuta, não comporta certos expedientes (...)

A inspetoria de trânsito precisa proibir, quanto antes, que os ciclistas transformem as nossas calçadas em pista de corrida, como estão fazendo com as calçadas da praça da fonte luminosa, onde apostam carreiras e fazem malabarismo ciclístico (...)

Já se disse que as calçadas são feitas para pedestres. Em Campina Grande, porém são as calçadas também destinadas ao tráfego dos chamados carros de mão e "ganhadores" com enormes volumes na cabeça (*O Momento*, 30 de setembro de 1950, p. 2, nº 3).

O articulista faz três denúncias em uma mesma coluna a respeito da forma como o espaço das ruas da cidade está sendo usado pelos moradores da cidade. Nestes fragmentos fica evidente que nem sempre a lógica do letrado cronista é a mesma lógica de um morador ou transeunte. Ambos estão a criar territórios diferentes a partir de um mesmo espaço. Enquanto para o letrado o espaço da rua deve ser desobstruído para facilitar a circulação dos pedestres, para muitos dos seus moradores este é o espaço para fazerem seus negócios e ganharem algo para sua própria sobrevivência. Os "carros de mão" e os "enormes volumes na cabeça" conduzidos por esses indivíduos, certamente causavam um impacto visual desagradável para aqueles que desejavam um espaço da rua e das calçadas livres de indivíduos de pouca civilidade.

Contudo, esta desorganização do espaço das ruas, que tanto preocupa a sociedade moderna, não é algo recente. Poderíamos afirmar que é algo que acompanha qualquer aglomerado urbano, afinal é no espaço das ruas que os indivíduos ganham suas vidas, transitam, conversam e interagem construindo toda uma rede de sociabilidade e subjetividades.

Para contrapormos um pouco destas visões acerca das ruas em cidades do século XX podemos visitar o período medieval, para podemos ter uma breve impressão de como poderia ser o espaço das ruas em tal período:

As ruas medievais, mesmo que para nossos padrões fossem ruidosas, estreitas e fedorentas, apresentava uma enorme força de atração. Eram por excelência lugares de comunicação: era ação, distração, sociabilidade, vida... As ruas constituíam espaços onde se praticavam os ofícios, os afazeres profissionais, as conversas, os espetáculos e as brincadeiras. A impressão que transmite a iconografia é que tudo se passava na rua. Esta não se opunha à intimidade da vida privada, sendo, ao contrário, uma espécie de prolongamento dela, como Philippe Ariès observou. (RODRIGUES, 1999:104)²¹

No fragmento mencionado podemos perceber como as redes de solidariedade se desenvolviam nas ruas medievais. É visível a forma como os indivíduos estão ligados ao espaço natural, mesmo que isso não impeça dos mesmos já começarem a ter seus territórios construídos a partir da convivência diária e dos encontros constantes que faziam. Como sugere José Carlos Rodrigues, a rua medieval era uma espécie de prolongamento da vida das pessoas. Estas viviam cotidianamente dividindo e reinventando os espaços, desempenhando suas funções e interagindo com todo tipo de seres vivos, desde a convivência com outras pessoas, passando também pelo convívio com os animais, como nos relata o mesmo autor,

A cidade era espaço nada exclusivo de homens: cães, cordeiros, cabras, vacas, cavalos, porcos eram simultaneamente companhias, produtores e eliminadores de resíduos. Com os homens, em ruas e casas, conviviam os ratos, mas obviamente também os gatos; os alimentos, mas também os excrementos. Os muros que com frequência envolviam a cidade e as portas que a isolavam tinham, em geral, funções mais simbólicas, de marcação de fronteiras, de

²¹ RODRIGUES, José Carlos. "Cidade e campo" IN *O corpo na História* Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999:97-108.

definição de identidade social, que finalidades propriamente ecológicas. Toda cidade estava dentro do campo e tinha o campo dentro de si, visto que entre as casas havia sempre terrenos cultivados, hortas, jardins, quintais, pomares, pastos, paióis, celeiros, estábulos... Os alimentos eram cultivados dentro das muralhas, assim como nas áreas circundantes (RODRIGUES, 1999:102).

Diante deste relato podemos perceber que boa parte da vida nas cidades medievais estava ligada ao campo. Podemos afirmar que era um mundo urbano devido ao aglomerado de casas e ruas, mas que de certo modo mantinha muito das vivências e características rurais. Certamente as atividades e seus habitantes mantinham uma raiz rural forte e isto obviamente refletia-se nas ruas. Todas estas vivências envolvendo o espaço das ruas de certo modo refletem o que no conjunto estas ruas representavam, ou seja, o aspecto das cidades medievais, "cidades na escala do humano", como definiu Lewis Mumford²²:

As ruas não eram construídas em função do trânsito de veículos, o que tornava desnecessária a economia de curvas. Tampouco eram imperativos os cruzamentos, nem obrigatório que as vias tivessem saídas. Muitas vezes as sinuosidades labirínticas e as saliências aparentemente supérfluas, que aos olhos de hoje parecem convidar a criminalidade (mas eram uma característica fundamental da cidade do medievo), existiam só porque uma árvore foi poupada, porque ventos excessivos foram abrandados, ou em virtude de um riacho, depois seco ou encoberto, ter sido aproveitado ou contornado. Positivamente, não se tratava de um urbanismo governado pela máquina da terraplanagem (RODRIGUES, 1999:102-103).²³

De certo modo, podemos observar que as preocupações com conforto e maquinarias modernas é algo recente na história das cidades. Revela-se apenas nas cidades do pós-revolução industrial, em especial em cidades européias como Londres e Paris do Século XIX. É neste período que uma série de olhares volta-se para o espaço das cidades e em especial das ruas. Antes de visitarmos este

²² RODRIGUES, José Carlos, *idem*.

²³ *Ib idem*

período deixemos que Rodrigues complete sua leitura acerca das cidades medievais:

Eram cidades feitas para pedestres, o que favorecia e muito os pontos e as situações de comunicação direta. Raras atingiam um diâmetro de dois quilômetros, o que significa na prática, que todos eram vizinhos, ao alcance do pé, da mão ou do acaso. A cidade medieval não cortava a sociedade de si mesma. Ricos e pobres necessariamente se esbarravam, nas ruas, nos mercados, nas catedrais, pois todos estavam acostumados à vida ao ar livre. (RODRIGUES, 1999: 104).

Esta viagem pelas ruas de aglomerados urbanos medievais tem justamente o intuito de mostrar como o espaço das ruas é um espaço privilegiado para estudarmos o cotidiano e as vivências em um determinado momento histórico. Contudo, ressaltamos que não é de nosso interesse reduzir o estudo ou a pesquisa histórica apenas as experiências que se desenvolveram em um perímetro urbano (haja vista a própria dificuldade na conceituação do que venha a ser este perímetro urbano)²⁴. O que buscamos mostrar é que os seres humanos sempre buscaram viver em conjunto ou grupos, independente do tamanho destes, mas sempre com uma forte tendência a não se isolarem. Desta forma, desde a forma de organização espacial mais elementar até o emaranhado de ruas e avenidas das cidades contemporâneas, podemos encontrar aspectos que apontam ou nos dão pistas para a forma como os indivíduos construíam seus territórios e viviam suas subjetividades.

Diante deste quadro, seria possível questionarmos se a Campina Grande da primeira metade do século XX estaria mais próxima de uma cidade “moderna” do século XIX ou mesmo se estaria mais próximo das cidades do medievo europeu. Observemos o que algumas imagens sugerem.

²⁴ Para um estudo mais detalhado a respeito da temática sugiro que seja levado em consideração alguns dos estudos já desenvolvidos no campo da disciplina ‘Urbanismo’. Esta é uma integração que oferecerá importantes caminhos para que renovemos a forma com nós, historiadores, pensamos, e nos debruçamos em pesquisas e estudos a respeito da cidade moderna. Entre outros, ver LACAZE, Os métodos do urbanismo. Tradução Marina Appenzeller – Campinas: Papirus, 1993, 132 p; BARDET, Gaston. O urbanismo. Tradução Flávia Cristina S. Nascimento. Campinas, Papirus, 1990, 141 p.

Os meios disponíveis para um *tour* pela cidade, especialmente em princípios da década de 20, eram os próprios pés, o lombo de burro ou cavalo, as carroças e os cabriolés. A opção provavelmente estaria relacionada ao local de onde o transeunte viesse, às suas posses, seus afazeres e ao ano da década a que estivermos nos referindo. Vindo do “subúrbio”, de distritos ou da zona rural do município, no começo da década de 1920, chegava-se principalmente no lombo de animais e a pé; (...) De uma forma ou de outra, para uma população de longa tradição no caminhar sob o sol causticante dos meses de verão, não deveria ser difícil vencer um ou dois quilômetros, distância que a separava da parte central da cidade. (SOUSA, 2001:38)

Observe que a distância que separa o centro de Campina Grande de seus subúrbios se assemelha bastante com as distâncias descritas anteriormente para o medievo. Continuemos a presenciar a forma como os campinenses passeavam pelas ruas da cidade:

Durante grande parte da década de 1920, devia ser pouco comum passear pelas ruas de automóvel, privilégio de poucos. O primeiro automóvel, um Studebaker, havia chegado à cidade em 1914, causando grande mobilização dos curiosos que ainda não conheciam a máquina. Esse quadro, no que diz respeito aos automóveis, vai mudar consideravelmente entre o final dos anos 1920 e as décadas de 1930-40, quando os meios de deslocamento pela cidade e seus arredores vão sofrer significativas modificações (SOUSA: 2001:39).

Tratando dos meios de locomoção na cidade de Campina Grande, os jornais de época de certo modo nos apontam pistas para a forma como estes deslocamentos eram feitos na cidade. As reportagens que o jornal *O Campina Grande* traz, retratam que no início do século XX os acidentes nas ruas campinenses são ainda causadas pelos animais. Há duas reportagens que mostram que “os matutos colocam os cavalos acima das calçadas”, o que chegou a atingir (com as patas destes cavalos) uma criança de 10 anos. A velocidade nas ruas é a das carroças, inclusive uma “quase esmaga o Sr. Belízio Rapozo” e

depois "seguia sua marcha em triunfo"²⁵. Entretanto, nas matérias analisadas, podemos detectar a mudança de hábitos das pessoas e da própria inserção do automóvel no cotidiano campinense. Um problema que também é bastante enfocado por Cristino Pimentel, e que aparece em *O século*, diz respeito ao uso da "gaita" dos carros. No número 28 do dia 09 de março de 1929, ampla reportagem enfoca uma briga na praça Eptácio Pessoa, que tem origem quando o inspetor Rubens Ferreira, vinha proibir que o "chauffer" conhecido por Manuel Amerello tocasse com insistência na gaita do seu carro.

As colocações dos carros, ou seja, seu estacionamento já era motivo de preocupação por parte das autoridades, isto pode ser constatado na matéria "U'a boa medida", onde os redatores do jornal saúdam a inspetoria de veículos por determinar o "alinhamento na colocação dos automóveis que se colocam a gare da Great Western, nos horários de chegadas dos comboios comuns". Ainda nesta reportagem é requerido "aplainamento daquele logradouro (Praça da estação) que o inverno estragou". Esta é uma reivindicação que encontramos em outra nota onde é requerido reparo na Praça da Luz, por onde passam os "ônibus com dificuldade". Vale ressaltar que, segundo Epaminondas Câmara,²⁶ no ano de 1930 Campina Grande dispunha de 217 automóveis e caminhões. Apesar de serem pouco mais de duas centenas, os automóveis já despertavam preocupações nas autoridades e nos letrados campinenses.

O que é visível nas fontes pesquisadas é que os automóveis aos poucos vão fazendo cada vez mais parte do cotidiano das cidades modernas.

As primeiras ruas modernas prenunciam o que testemunharemos mais tarde: os ricos, isolados em seus veículos particulares, passarão a ter a sensação de uma inédita liberdade de movimento, mas também deixarão de acreditar que a paisagem urbana circundante tenha qualquer significado além de ser um mero meio, cuja finalidade é o próprio deslocamento. A velocidade e o encasulamento em seus veículos fazem desaparecer a paisagem humana. Este

²⁵ Este jornal é do ano de 1909. As reportagens são respectivamente dos dias 06 de junho de 1909, p 4 do nº 33 e 15 de agosto de 1909, na p 3 do nº 41, ambos do ano II do Jornal *O Campina Grande*.

²⁶ CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Ed. Caravela, 1998, p 108.

distanciamento não representa apenas expulsão, gesto de força ou pragmatismo individualista. Contêm uma sutil dimensão de sensibilidade, pois é muito mais fácil ser cruel, rigoroso ou objetificante com aqueles que são anônimos e que não podemos ver (RODRIGUES: 1999:104).²⁷

Contudo, não é apenas o automóvel que causa estranheza aos indivíduos no espaço urbano. Muitos outros elementos causam sensações novas nos habitantes do mundo urbano. Robert Moses Pechman²⁸ observa acerca da cidade moderna:

As cidades são a grande novidade do século XIX. O espetáculo da multidão das ruas, a concentração da população num espaço, a moradia precária e super-habitada, a faina obsessiva das fábricas e o movimento alucinante de pessoas e mercadorias preparam a civilização que está por vir. E é no rastro do fenômeno urbano que ela surgirá. A nova civilização, portadora dos ideais de progresso e da crença no poder das ciências, tirará das ruas das grandes cidades européias sua energia constituidora. (PECHMAN, 1994:3).

Como observa Pechman é do espaço das ruas que a sociedade moderna do século XIX tira sua "energia constituidora". O "formigueiro" humano certamente é um fenômeno bastante atrativo para aqueles que defendiam os ideais de "progresso e civilização". Uma cidade progressista é aquela que apresenta um intenso comércio, uma constante movimentação de pessoas pelas ruas, sempre apressadas no caminho de seus afazeres. O que é visível é a decadência daquela cidade na "escala do humano". O mundo triunfalmente moderno é o mundo do "turbilhão".²⁹ Diante de fenômenos tão novos, os indivíduos no dia a dia têm que se adaptar e reinventarem suas percepções e apreensões do mundo que lhes cercam.

²⁷ RODRIGUES, José Carlos. "Cidade e campo" IN *O corpo na História* Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999, pp 97-108.

²⁸PECHMAN, Robert Moses. *Olhares sobre a cidade* IN: *Olhares sobre a cidade*. PECHMAN, Robert Moses (org). Rio de Janeiro: Ed da UFRJ, 1994: p 3- 8.

²⁹ Ver texto de ARANHA, Gervácio Batista Aranha. Op. Cit. Na nota 12.

A nova imagem da cidade será reelaborada a partir das metáforas inventadas para dar conta dos processos especificamente urbanos, historicamente desconhecidos e, portanto, sem nome ainda, como: a formação da multidão na cidade, o desemprego industrial, a falta de moradias, o tempo artificial marcado pelo relógio, a criminalidade etc.

O novo vocabulário que nomeia a cidade lhe confere a noção de urbano e permite pensa-la como conceito, traz a tona o tema dos problemas urbanos (PECHMAN, 1994:4).³⁰

Tudo isto dá ensejo para que variados saberes voltem sua atenção ao espaço da cidade e este passe de um mero espaço físico funcional a um espaço questão, com o surgimento de “especialistas” de disciplinas específicas para pensá-lo. Entre estas disciplinas surge o urbanismo:

O aparecimento do urbanismo entre as ciências, e dos urbanistas entre os pesquisadores foi, portanto, a consequência de novos problemas colocados por fenômenos cuja amplitude quase não conhecíamos exemplo na história. É necessário não confundir as grandes realizações da Arte Urbana, que resolveu magistralmente problemas que não eram nem da mesma escala, nem da mesma complexidade, nem da mesma substância que os nossos, com as soluções do Urbanismo, hoje necessárias (BARDET, 1990:8-9).³¹

Estas novas disciplinas e novos técnicos vão apresentar um novo olhar para a cidade, olhar intervencionista que mais das vezes servirá para justificar ações de autoridades e legitimar suas intervenções no cotidiano dos indivíduos, o que certamente gerará conflitos e distanciamentos entre os saberes legitimados e os cidadãos que cotidianamente estão a desenvolver suas redes de sociabilidade no espaço urbano, em especial, nas ruas da cidade. São estas múltiplas visões e apropriações do espaço urbano que passaremos a analisar no próximo capítulo.

³⁰ PECHMAN, Robert Moses. Olhares sobre a cidade IN: *Olhares sobre a cidade*. PECHMAN, Robert Moses (org). Rio de Janeiro: Ed da UFRJ, 1994: p 3- 8.

³¹ BARDET, Gaston. *O urbanismo*. Tradução Flávia Cristina S. Nascimento. Campinas, Papirus, 1990, 141 p.

Capítulo 2

AUTORIDADES, LETRADOS, TÉCNICOS E POPULARES – A CIDADE EM DIFERENTES OLHARES

Prosseguindo esta análise acerca dos territórios e vivências dos indivíduos nas ruas campinenses, neste segundo capítulo buscarei apresentar e discutir alguns olhares que se voltam para a cidade; também buscarei apresentar aspectos do cotidiano que recuperamos a partir do uso de memórias, crônicas e jornais de época. Estes olhares e fontes obviamente não são neutros, trazem consigo uma série de intenções e interesses. Contudo, de certa forma são estes olhares que se voltam para as ruas e os moradores da cidade, bem como os aspectos do cotidiano que acabam por dar vida e pulsação a cidade e seus espaços de sociabilidades, seus territórios.

Stella Bresciani³² aponta um pouco desta perspectiva, mostrando que a cidade é formada também por um conjunto de experiências visuais:

As cidades são antes de tudo uma experiência visual. Traçado de ruas, essas vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas no mesmo espaço. E mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a algumas de suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas. (Bresciani, 1998:237).

Importante se faz ressaltar que esta “experiência visual” nem sempre resulta em “impressão agradável”. Bresciani relata que Engels ao ver Londres de maneira panorâmica em 1840, já denunciava o aspecto “feio”, “sujo” da cidade. Para Engels, há um custo social no progresso³³ que se reflete no que o mesmo vê na metrópole inglesa. Entretanto, para autores como Walter Benjamin a cidade moderna é um sinal de conforto. Encontramos neste autor uma sensibilidade

³² BRESCIANI, Stella. Op cit.

³³ Esta visão de Engels acerca da cidade de Londres Bresciani faz uso em “A descida aos infernos”. IN: *Londres e Paris no séc. XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994:23-48.

maior, nem tanto pelo desenvolvimento material da metrópole, mas para as coisas urbanas, segundo Bresciani. As metrópoles também são referência em equipamentos e maquinarias de conforto para François Béguin. Certamente por apresentar visões tão dúbias, a cidade moderna é apresentada por Bresciani entre vícios e virtudes.

Durante a primeira metade do século XX também encontramos os letrados campinenses buscando compreender a forma como a cidade se lhes apresentava. Encontramos nos discursos da imprensa local uma série de reportagens que buscavam apresentar o cotidiano da cidade. Certamente pelo fato de boa parte destes jornais terem vínculos com políticos ou comerciantes locais, a maioria dos discursos que encontramos estão a “glorificar” o crescimento material da cidade. Como boa parte dos letrados que viviam estes tempos em outras cidades do Brasil e da própria Europa, os campinenses também estavam a voltar seus olhos para a cidade a partir do binômio “civilização e progresso”, sendo estes compreendidos especialmente na sua dimensão material.

Eis alguns versos da peça intitulada “Campina Grande, drama em cinco atos e uma apoteose”, transcrita do jornal *O Rebate* de 10 de julho de 1948. Nesta, o autor, A. Rodolfo, mostra uma “cena que se verifica no perímetro de uma grande cidade” (leia-se Campina Grande).

1° Ato

Cenário - uma rica praça
um comércio forte, opulento
as fábricas em movimento
dinheiro em circulação
o povo andando apressado
os automóveis correndo
caminhões estremecendo
carregados de algodão

2° Ato

Ato segundo - o cenário
Já se mostra diferente
Um formigueiro de gente
Comprando na “Nova aurora”
Uma grande multidão
Vê-se no armazém do Norte

Por ser uma casa forte
Atende com voz sonora (...)

Os atos seguintes continuam mostrando a opulência e o desenvolvimento da cidade "Rainha da Borborema". Neste fragmento transcrito é perceptível que os letrados campinenses buscavam construir uma imagem majestosa, grandiosa da cidade, uma "metrópole do Norte". Observemos os cenários e os personagens: "as fábricas em movimento", "o povo andando apressado", "os automóveis correndo", "um formigueiro de gente", "uma grande multidão...". Certamente em 1948 Campina Grande tinha um comércio bastante significativo, capitaneado pela produção do algodão, contudo, merece interrogações se o cenário das ruas e casas de comércio da cidade eram marcados por tamanha agitação. Podemos perceber que os letrados e autoridades campinenses em diversas épocas sempre descreveram uma cidade mais ideal do que real.

Seguindo o raciocínio acima exposto, encontramos no jornal *O Rebate* de 1937 algumas "definições aceitáveis", de "quem é Campina", segundo Antonio Mangabeira. Para este letrado, Campina "é a mais afamada cidade do interior do Nordeste, grande comércio e interessante indústria". Também "é a cidade do trabalho e do futuro". Campina Grande é "a metrópole do sertão de três estados". De certa forma Antonio Mangabeira empolga-se em seus adjetivos com relação a Campina Grande e arremata suas definições com esta afirmação: "Já ouvi até estas palavras: 'Campina Grande é a cidade que está se saopaulisando'".

De certa forma, podemos perceber o anseio e o desejo de se apresentar Campina como uma cidade realmente "grande", uma cidade do "progresso" e da "civilização". Falar do "grau de desenvolvimento" da cidade é algo que parece ser corriqueiro nos bate-papos e conversas diárias de jornalistas, cronistas e autoridades campinenses, afinal, em uma destas conversas Antonio Mangabeira colheu esta pérola: "Campina Grande é a cidade que está se saopaulisando".

Treze anos mais tarde, em 1950, o mesmo Antonio Mangabeira está decantando o desenvolvimento campinense mais uma vez. Desta feita no jornal *O Momento*: com "60.000 mil habitantes, com automóveis e caminhões as centenas que bebem em média 1000 latas de gasolina por dia e transportam, internamente

pessoas e mercadorias, Campina Grande é a 'Chicago paraibana'. Permanece o anseio deste letrado em comparar o "grau de desenvolvimento" de Campina Grande com outras cidades, não só brasileiras, mas agora também do exterior.

Não só Antonio Mangabeira decanta o progresso material de Campina Grande na primeira metade do século XX. Ao longo da pesquisa empreendida nos jornais é perceptível o discurso eufórico de parte significativa dos letrados locais com o que presenciavam no dia a dia da cidade. O intenso movimento do comércio e das ruas os fascinava e deixava transparecer que os mesmos viviam em uma cidade que estava em sintonia com os ideais de civilidade e progresso, que os mesmos tinham notícias de outras partes do país, como o Rio de Janeiro e São Paulo, bem como a própria Europa e posteriormente os Estados Unidos. Exemplos destes discursos são encontrados nas páginas do *Correio Campinense* de 28 de agosto de 1949:

A cidade se nos apresenta possuída de uma vida intensa e progressista (...) aqui e ali erguem-se majestosos edifícios. Observamos uma série enorme de demolições em toda parte da cidade (...) ruas e mais ruas se transformam, aberturas de longas avenidas, arborização, calçamento e pavimentação das artérias da "urbs". A cidade tem um "intensíssimo movimento de veículos".

Este é mais um exemplo dos discursos eufóricos que letrados campinenses apresentam na imprensa local. Observe que a cidade se "apresenta possuída de uma vida intensa e progressista", sendo condição necessária para tal panorama às demolições de casas e a própria transformação das ruas, para que acolha o "intensíssimo movimento de veículos". Contudo, como nos mostra Gervácio Batista Aranha,³⁴ estes discursos devem ser compreendidos a partir do pensamento predominante desde o século XIX, onde letrados e autoridades concebiam que uma cidade para ser considerada "moderna" deveria ter uma intensa vida comercial e suas ruas deveriam ser invadidas diariamente por uma multidão, que se deslocava de um lado para o outro.

³⁴ ARANHA, Gervácio Batista. Op. Cit.

Podemos perceber que toda e qualquer transformação material na cidade é motivo para reafirmar este caráter dinâmico e progressista de Campina Grande. Em reportagem intitulada, “Campina, cidade leader por excelência”³⁵, é interessante o orgulho com que o jornal trata à cidade. Ele mostra que “Campina é Industrial”. Na realidade esta reportagem trata de três fábricas que estavam sendo abertas na cidade. É mais um exemplo da idéia e anseio de progresso e modernidade, que os letrados, elites, políticos, enfim, pessoas ligadas às camadas mais abastadas da sociedade tinham ao representar ou construir imagens de Campina Grande.

De forma geral, pode-se perceber que jornais como o *Jornal de Campina*, *Vóz da Borborema* e *Brasil Novo* são bastante ufanistas, com uma visão pouco crítica da realidade e do cotidiano campinense. Quando tentam fazer alguma crítica, acabam por fim sempre elogiando ou colocando no primeiro plano “o desenvolvimento material de Campina”. Percebe-se que estes são jornais que valorizam demasiadamente as realizações dos governos, tanto municipais quanto estaduais, como também de homens de negócios, “empresários com visão de progresso”.

Transformar a cidade e deixá-la de acordo com os preceitos modernos foi uma empreitada levada adiante em Campina Grande por Vergniaud Wanderlei, prefeito da cidade por duas vezes entre 1935 e 1945. Entre as várias reportagens nos jornais locais dedicadas à sua administração, encontramos a matéria d’*O Rebate* de 04 de outubro de 1944, onde J. Fernandes Dantas mostra o “Panorama de uma administração modelar”. Nesta reportagem o autor mostra as realizações de Vergniaud Wanderlei, tanto na sua primeira, quanto na segunda passagem pela administração municipal. Nas palavras do autor, “o martelo dos operários vai aos poucos removendo os alicerces das antigas habitações do centro da urbs. Novas avenidas e ruas são rasgadas ou alinhadas”. Este cronista saúda o homem que deu forma ao “progresso urbano” da cidade.

Percebe-se pelos discursos até aqui mencionados que os letrados locais não poupavam adjetivos para qualificar as mudanças no cenário campinense.

³⁵ *Jornal de Campina*, 25 de junho de 1933, nº 24, p. 05

Contudo não podemos nos deixar levar pela onda de otimismo e afirmar que Campina Grande no período estudado e principalmente nas décadas de 1930 e 1940 era exemplo de uma cidade “moderna e progressista”. A primeira ressalva que devemos fazer é no tocante aos discursos encontrados nos jornais de época. Parte significativa dos jornais estava ligada a partidos ou políticos locais e, portanto, dependendo de quem estava no comando da política local o redator enxergava uma “cidade diferente”³⁶. Outra ressalva que devemos fazer é no tocante ao público alcançado pela imprensa local, principalmente nas primeiras décadas do século XX, que eram letrados e políticos pertencentes às camadas mais abastadas da população.

Apesar das ressalvas feitas anteriormente, podemos perceber nestes jornais os anseios de uma parcela da população que, se não vivia em uma cidade de grande porte, como o Recife ou Rio de Janeiro, se sentia participante do mesmo progresso que os moradores destas cidades vivenciavam. Como já mencionado na introdução deste trabalho³⁷, isto era possível mesmo havendo um “limite físico” nas experiências urbanas brasileiras. Apesar deste limite, cidades como Campina Grande não deixam de ter contato com um ou outro símbolo moderno. Portanto, os símbolos ou equipamentos modernos dão uma dimensão do maior ou menor grau de civilidade a estas experiências urbanas. É justamente isto que podemos perceber nos discursos dos letrados campinenses, pois como nós mostra Aranha, mesmo que no dia a dia a cidade não pudesse contar com uma multidão em suas ruas, comparadas as multidões da Paris ou Londres do século XIX, ela contava com equipamentos e símbolos modernos, como a energia elétrica, a água encanada, os cinemas, o trem, etc., que de certo modo traziam para os habitantes locais a sensação de se estar vivendo em uma cidade “moderna e progressista”.

³⁶ Exemplo desta afirmação podemos encontrar na edição de nº 01 do jornal *Voz da Borborema*, que circulou no dia 16 de julho de 1937. Na matéria “Nosso pensamento” o editor deixa claro que o jornal *Voz da Borborema* é um “jornal politicamente filiado ao Partido Progressista da Parahyba, que apóia a situação dominante do Estado”.

³⁷ Ver texto de ARANHA, Gervácio Batista. Op. Cit.

2.1- O discurso do “progresso e civilização”: letrados e cronistas reivindicam melhorias para a cidade

Os mesmos letrados que decantam o progresso material da cidade também reivindicam novos equipamentos e serviços. Reclama-se bastante da qualidade dos equipamentos existentes e dos serviços prestados pelo poder público ou por particulares a população.

No início do século XX, especificamente nos anos de 1908 e 1909, podemos perceber que alguns dos redatores de *O Campina Grande*, como Antônio de Sá, eram bacharéis ou bacharelados em direito pela faculdade do Recife. Sendo assim, estes letrados estavam em viagens constantes a capital pernambucana, seja para fazerem provas ou meramente ter acesso às novidades da cidade mais desenvolvida do norte³⁸. Influenciados pelo que viam e tinham acesso nestas viagens, os redatores do jornal passam a fazer críticas as condições de higiene das ruas e da cidade de Campina Grande. Em suas matérias e reportagens, o jornal destaca que nos “centros civilizados, o serviço de hygiene ocupa o primeiro plano na ordem das administrações públicas”. Os centros civilizados da reportagem são as capitais de São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, etc. Os autores já fazem relação entre a higiene que deve haver nas ruas e as condições de saúde da população. O açude velho já é destacado como “causa originária das diferentes moléstias” que dizimavam “os nossos patrícios”. Segundo o autor, em “outras cidades” a saúde é cuidada por “médicos ilustrados ou pessoas competentíssimas”, em Campina tal serviço é “executado pelos próprios porcos que passam o dia a limpar as ruas e fuçar as calçadas”. Continuando estas denúncias, os mesmos redatores arrematam que “o leito das ruas está sem a menor conservação: buracos por toda parte e lixo por todos lugares e recantos”.³⁹

Estes discursos de que Campina deveria conhecer e seguir os exemplos de centros mais “civilizados e progressistas” são perceptíveis não só nas palavras de

³⁸ *Ib. idem.*

³⁹ Reportagens publicadas respectivamente nos dias 15 e 22 de agosto de 1909, nos jornais de nº 41 e 42 do ano II do citado *O Campina Grande*.

letrados da década de 1910, mas também nas crônicas escritas por Cristino Pimentel nas décadas de 1930 e 1940⁴⁰. Como letrado, este sempre estava em sintonia com as mudanças de costumes e sensibilidades que ocorriam em outras partes do país e do mundo. Podemos vislumbrar o mesmo fazendo constantes apelos, principalmente aos governantes, para que buscassem alternativas e formas de colocar Campina Grande em contato com a “civilização” que o mesmo sentia em outras localidades mais “adiantadas”. Em suas crônicas encontramos o autor incentivando a ida ou saudando a chegada de algumas autoridades locais que se punham “rumo ao sul” (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Rio Grande do Sul, etc.), aonde viriam de perto os “melhoramentos públicos”.

Apesar desta ânsia por parte dos letrados em acompanhar e se equiparar aos “centros civilizados”, podemos perceber isto especialmente no tocante ao aspecto material da cidade, pois com relação aos costumes estes mesmos letrados permanecem bastante conservadores, preferindo o jeito pacato da cidade. O progresso não deveria vir para acabar com a “moral e os bons costumes” dos campinenses. Exemplos desta desconfiança em relação ao “progresso dos costumes” são encontrados nas páginas do jornal *O Rebate* no ano de 1932, onde o autor da matéria que tem por título “Civilização” afirma que:

Para nós, matutos, que estamos acostumados com as cousas da nossa terra, é um assombro a leitura dos jornais que nos chegam dos países que se dizem civilizados (...), avaliem que, enquanto censuramos aqui uma senhorita por andar de vestido nos joelhos, lá pela Europa é moda andar nu em pelo!

Mais à frente na mesma reportagem, o autor fala sobre a “eutanásia”. Nos chama a atenção nesta passagem o fato do autor admitir, mesmo que de forma

⁴⁰ Em uma das crônicas intituladas “É uma necessidade senhor governador” Cristino escreve: “é um bem intencionado cidadão que aconselha ao seu governo: vá Dr. Argemiro, visite o Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis (...) veja de perto com os olhos bem acesos, como se processa naqueles centros para o progresso da instrução, da educação (...) analise os melhoramentos públicos e ponha em prática em nosso Estado (...) Rume ao Sul. Encha lá o cérebro de coisas boas (...)”.

indireta, que prefere ser “matuto” e censurar as senhoritas que andam de “vestido nos joelhos”, do que ser “civilisado” e concordar com costumes ou modas que levassem ao exagero no comportamento das pessoas. Esta visão da “civilização” como sinônimo de “ordem” podemos encontrar também nas páginas do jornal *Brasil Novo* quando seu redator fala da “Festa da Conceição”⁴¹. Segundo o autor, a parte profana da festa esteve na altura do “grao de civilização” de Campina, tendo ocorrido na “mais perfeita ordem”. Também na visão dos redatores do *Brasil Novo* ordem é sinônimo de civilização e quando esta não existe, a cidade não “evolui”. Exemplo disto é perceptível em outras reportagens que denunciam que “indigentes e menores infestam as ruas, notadamente as sextas-feiras”. Segundo o autor da nota, é “impossível sanear uma cidade, higienisa-la sem afastar das ruas os canceroso e outros doentes de males comunicativos”⁴².

No mesmo tom das reportagens anteriormente comentadas, encontramos no ano de 1939 José Nóbrega Simões no jornal *O Rebate* denunciando os “Vícios” que estão a imperar em Campina Grande. São três os destacados: “a jogatina desenfreada, a mendicância e “talvez o mais escabroso” que são as “casas de tolerância”. Para Simões, Campina Grande para ser grande “não precisa fechar os olhos a esses problemas”, ou seja, para se tornar progressista e civilizada não precisa se desfazer de seus costumes tradicionais.

Continuando a perceber a preocupação dos redatores d’*O Rebate* com a “moral e os bons costumes” dos campinenses, encontramos na edição de 06 de janeiro de 1937 o autor de uma matéria queixando-se da “jogatina” em Campina Grande. Citando João Veríssimo, que com seu dinheiro, pode “abrir uma casa de jogo em qualquer parte da cidade”, o autor mostra toda sua indignação e denuncia costumes não condizentes com o “grao de civilização” da cidade. Ainda nesta matéria, encontramos uma das várias burlas as normas, ou pelo menos aos costumes, que marcavam em tal sociedade: “O proprietário da Leiteria Celeste, tapeando o público, está pondo algumas bebidas na primeira parte do prédio, porém interiormente está organizando uma das maiores casas de jogo da cidade”.

⁴¹ Jornal *Brasil Novo* de 10 de janeiro de 1931, p 06, sn.

⁴² Jornal *Brasil Novo* de 01 de abril de 1931, p 1, nº 13.

Nesta passagem podemos observar não só os discursos destes letrados e cronistas denunciando tal jogatina. Podemos também perceber as astúcias e manobras que os donos de bares e os fregueses faziam para despistar estes olhares mais atentos e conservadores daqueles que desejam mudar os aspectos materiais da cidade sem, contudo, mudar os hábitos e costumes da população.

Estas visões dúbias a respeito das mudanças da cidade também podem ser percebidas nas crônicas de Cristino Pimentel. Sobre o “progresso” e “civilização” este autor explicita sua percepção na crônica “progresso de caranguejo”. Nela Cristino enfatiza que:

Quando o progresso e a civilização são prioridades, se nota o bom aspecto das ruas, o alinhamento de suas avenidas, a beleza de suas praças, o majestoso de seus prédios públicos, o mercado, a sua cadeia, a sua boa iluminação”. A “civilização” e o “progresso” devem trazer uma instrução melhor para sua população e um melhor “asseio geral e higiene das ruas.

Quando isto falta, o “progresso” é para trás, como o andar do caranguejo. Em outras crônicas encontramos passagens deste autor saudando o “progresso” e a “civilização”. Contudo, o mesmo não perde o olhar nostálgico e em diversas crônicas critica o “progresso material” por ser “desesperado”. Este é mais um exemplo de um cronista que deseja o progresso material da cidade, desde que esta não perca suas tradições e costumes pacatos e ordeiros.

Tratando dos equipamentos de conforto que estavam por merecer dos letrados locais uma atenção especial, podemos perceber que a luz elétrica é o símbolo do mundo moderno que mais causava transtorno e decepção, não só aos letrados, mas a população de uma maneira geral. A respeito da precariedade da luz em Campina Grande, o jornal *O Rebate* acabou por criar uma espécie de concurso onde eram divulgadas algumas “quadras”, que ironizavam o estado da luz na cidade. Eis uma destas quadras:

No motor da luz, a luz
nem a fogo vem a furo,
pois já sumiu-se no escuro
o fabricante de luz!
Só mesmo papae Adão
com seu formidável "quengo"
dará um jeito no monstrengo
acabando a escuridão!
(Zé Campina, *O Rebate*, 22 de
outubro de 1932, ano I, nº 4, p. 6)

Em um jornal do mês seguinte, encontramos *O Rebate* mais uma vez mostrando outros versos a respeito da qualidade da luz de Campina Grande. Desta vez, seguindo o mote "No mundo tudo melhora, menos a luz de Campina".

Com a crise tudo chora
é um verdadeiro inferno
mas, vindo cedo o inverno
tudo no mundo melhora;
os flagelados, que outrora
se maldesiam da sina
seguindo a sua rotina
vão procurar o seu lar,
Tudo pode melhorar
Menos a luz de Campina
(K. H. Fogo, *O Rebate*, 12 de
novembro de 1932, ano I, nº 7, p. 1)

Muitos outros versos poderiam ser transcritos para mostrar esta forma irônica do jornal *O Rebate* reivindicar melhorias para um dos equipamentos de conforto e símbolo do mundo moderno, que é a luz elétrica. Contudo, ainda cabe apresentar mais este poema, que faz relação entre uma melhoria sanitária, a desativação do cemitério das Boninas, com a falta de empenho das autoridades em resolver o problema da luz elétrica:

Houve mudança de hora
deslocando o próprio astro,
o banco com seu lastro
tudo no mundo melhora.

Naquele tempo de outrora
lá na rua da Bonina
cumpriram com o rigor da sina
foi um caso muito sério
transformaram o cemitério,
menos a luz de Campina
(H. P. O *Rebate*, 03 de dezembro
de 1932, ano I, nº 10, p. 1)

Em outros jornais também encontramos denúncias de letrados no tocante a qualidade da luz de Campina Grande. No jornal *A Batalha* do dia 04 de abril de 1935, na matéria “A luz de Campina Grande” o autor chama a atenção para alguns dados da época. Segundo o mesmo, Campina contava com 6.033 casas com uma população, “calculo seguro”, de 36.198 pessoas e tinha apenas 1.300 instalações particulares. Tratando do acesso a luz elétrica, apenas 7.800 “suportam a carestia impiedosa e 28.398 valem-se do querosene”. A reportagem é concluída com a triste afirmativa: “que horrível situação das classes pobres da dinâmica cidade: luz caríssima e água difícil e péssima”. Certamente esta realidade estava bem longe das “glórias do progresso material campinense”, tão decantados nas páginas dos diferentes jornais da cidade.

Apresentando problemas relacionados não só a iluminação pública, mas interligando-os aos problemas da limpeza e higiene, bem como do calçamento, Cristino Pimentel também faz denúncias e ironiza a situação destes equipamentos e símbolos do conforto do mundo moderno. Várias crônicas denunciam principalmente a qualidade da luz que é fornecida pela empresa “Luz e Força”. Segundo Cristino, é rara à noite que tem luz boa e a contento, isto é, “na hora exata”. Apesar das reclamações do autor, algumas medidas da prefeitura vão de encontro aos reclames do mesmo, como é o caso da crônica em que Cristino apresenta a lista de várias ruas onde a iluminação pública é diminuída ou cortada, às vezes até pela metade. Utilizando-se de uma linguagem irônica, o mesmo autor “parabeniza” os correligionários de José Américo e os poderes competentes pela “boa iluminação nas ruas” onde ia passar aquele embaixador em uma de suas visitas a cidade.

Como mencionado anteriormente, o aspecto das ruas, os buracos, a falta de calçamento e principalmente sua limpeza, são temas periódicos das crônicas de Cristino Pimentel. Em uma delas encontramos reclamações acerca da questão do lixo nas calçadas que “pacatamente espera a remoção”. Este é um problema que ocorre com frequência em ruas como a do Progresso, rua Peregrino de Carvalho, 13 de Maio, Tiradentes, dentre outras.

Em uma série de crônicas a respeito da rua do Progresso, como era conhecida pelos populares e nomeada oficialmente de rua Visconde de Pelotas, podemos perceber textos engajados de Cristino, que reclamam “em nome” dos moradores daquela rua melhorias com relação à iluminação, “melhorias estética”, “meio-fio e linha d’água” e não simples “terraplanagem”, como foi feita pela prefeitura. São, portanto, questões que estão a incomodar este letrado campinense, que vê a incompatibilidade entre o grau de civilização da cidade e todos aqueles problemas que estão a ocorrer justamente na “rua do progresso”.

Adentrando um pouco mais a questão das ruas, podemos perceber que quando Cristino Pimentel saúda a mudança do nome da rua das Barrocas para rua Vila Nova da Rainha, o mesmo não deixa de dar sua “alfinetada” nas condições desta rua. Segundo o mesmo, “quem por ali caminha com a cautela de quem passa numa capoeira cheia de barrancos, tem-se a impressão que não estamos trilhando uma rua da Campina moderna, e sim uma artéria descuidada da antiga Vila Nova da Rainha⁴³”.

Pelo caminho até aqui traçado podemos perceber como os jornais de época trazem as opiniões de letrados que de certa forma denunciam a qualidade dos equipamentos e símbolos do conforto do mundo moderno de que dispunha a cidade. Neste sentido o aspecto das ruas diz muito a respeito do “grau de civilidade” da cidade naquele contexto. Quando suas ruas são esburacadas, com pouca higiene, sem uma iluminação adequada, acabam atraindo a atenção dos letrados que ansiavam por decantar uma cidade moderna, civilizada e progressista, mas que, por não presenciar tais melhorias no cotidiano, acabam por

⁴³ Nome de Campina Grande quando a mesma foi elevada a categoria de Vila. Segundo Epaminondas Câmara, a 20 de abril de 1790, houve a instalação da VILA NOVA DA RAINHA, na conformidade da carta régia de 22 de julho de 1766. Op. Cit. p.31.

fazer reiteradas denúncias e apelos. Quando estas não são suficientes só lhes resta fazer coro com as “vozes das ruas” e ironizar tal situação, às vezes de forma bastante engajada, ou simplesmente de forma irreverente. Estes discursos dos letrados, bem como a percepção dos populares é o mote que enfatizaremos no item seguinte, sem perder de vista as investidas das autoridades, mais das vezes amparadas pelo discurso técnico-científico.

2.2- O discurso técnico e os indivíduos das ruas: redimensionamentos e vivências em torno do moderno

Percebendo a importância do espaço construído no cotidiano pelos indivíduos, ou seja, a territorialidade que é construída, que é reinventada e que é vivida no espaço das ruas, diferentes olhares e diferentes posições se constitui. Para letrados e elite, bem como para os próprios governantes, o espaço das ruas é um espaço no qual sempre se deve intervir para que seja “garantida” a “ordem” e a “disciplina”. Por sua vez, cotidianamente os populares também estão a lançar sua atenção para o espaço das ruas, afinal é nesta que muitos desenvolvem atividades e relações de sociabilidades que garantem a sua sobrevivência.

Seguindo o pensamento acima exposto, podemos encontrar nas autoridades e letrados o desejo, a ânsia de intervir no espaço público para transformá-lo em um espaço condizente com aquilo que os mesmos proclamam como moderno. O espaço da rua é uma espécie de “cartão de apresentação da cidade”. Por isto, Robert Moses Pechman⁴⁴ acaba nos mostrando um pouco da visão que os homens da elite, letrados e autoridades cariocas tinham na virada do século XIX para o século XX, bem como nas décadas iniciais deste último. Segundo Pechman:

⁴⁴ PECHMAN, Robert Moses. Olhares sobre a cidade IN: *Olhares sobre a cidade*. PECHMAN, Robert Moses (org). Rio de Janeiro: Ed da UFRJ, 1994: p 3- 8. Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade IN: *Cidade & história*. FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio A F. (Orgs) Salvador: UFBA/ Faculdade de Arquitetura. Mestrado em arquitetura e urbanismo; ANPUR, 1992, p.33-44.

A questão da insalubridade e as práticas da população abrem caminho para uma crítica desfavorável dos hábitos dos habitantes. Era preciso, pois, depurar a cidade, sanear o meio ambiente e eliminar os fatores de feiúra e sujeira. Neste sentido, o espaço público – a rua – deveria ser a expressão dos padrões de limpeza, beleza e ordem. A rua deveria reunir os atributos e as condições indispensáveis à saúde, a moralidade e a organização do corpo físico e moral. (PECHMAN, 1992:34)

O trecho citado nos fornece uma definição clara de algo que também encontramos nos discursos dos letrados campinenses, tanto nos jornais de época quanto nas crônicas e memórias. Percebe-se claramente o discurso que invoca “a ordem” e os “bons costumes” para o cotidiano das ruas na cidade. Mais uma vez encontramos respaldo em Pechman, quando o mesmo afirma que:

As práticas sociais que tomavam a rua “insalubre” do ponto de vista da moral deveriam ser eliminadas ou coibidas. Deste modo, os quiosques, a prostituição, os jogos de rua das camadas populares, o barulho, a baderna, a aglomeração, as obscenidades, os vícios e maus hábitos deveriam ser banidos. Era preciso eliminar das áreas públicas os sinais da desordem criando uma nova moral: da ordem, da disciplina e da higiene. Assim como o ar, as pessoas deveriam “circular”, evitando aglomerações, promiscuidade e distúrbios. A aglomeração estava ligada a desordem, e a circulação, a ordem. (PECHMAN, 1992:34)

Nas páginas do jornal *Brasil Novo* do dia 07 de fevereiro de 1931, diferentes problemas (pelo menos na opinião dos redatores do jornal) acerca da cidade de Campina Grande são apresentados. Neste, articulista cita em letras destacadas que a cidade deve buscar uma solução urgente para a “localização do meretrício, criação de pombos, remoção de couros do centro da cidade, saneamento de umas tantas artérias da urbe e demolição de casebres conhecidos por caixa de phosphoro”.

Contudo, as lógicas e apropriações dos espaços urbanos por parte dos populares nem sempre são as desejadas e decantadas pelos letrados e autoridades. Cotidianamente os indivíduos estão a redimensionar os espaços urbanos. As práticas destes grupos criam territórios e redefinem costumes e vivências.

O jornal *O século* nos apresenta uma das mais variadas formas de apropriação do espaço das ruas por parte da população. O articulista denuncia que as ruas da cidade estão se transformando em “campos de football”, sendo constantes os pedidos para coibir tal prática, por certo não condizente com uma “cidade culta”, pois além das vidraças quebradas, as famílias têm que escutar os “dietérios e palavrões”, capazes de provocar terremotos e outros mais perigosos “phenomenos sísmicos”, segundo o autor da matéria⁴⁵. Este é um exemplo claro do redimensionamento que a população acaba por dar ao espaço da rua. São estas apropriações, vistas como inadequadas, que incomodam as autoridades e letrados, que certamente não aceitam facilmente a idéia das ruas da cidade estarem se transformando em campos de futebol, pois terminam aglomerando indivíduos não só para jogar, mas também para assistirem e dar seus palpites. Neste ínterim acabam se exaltando os ânimos e no mais das vezes as discussões começam e saem os “dietérios e palavrões” que deixam constrangidos e indignados os ouvidos sensíveis e mais conservadores da vizinhança.

Se durante o dia as ruas da cidade estão sendo tomadas pelo futebol, por mendigos e doentes, à noite o sono também está sendo perturbado. Observemos a reportagem intitulada “com vistas ás autoridades policiais”, do jornal *Brasil Novo* de 02 de maio de 1931:

Todas as noites vem se reproduzindo uma algazarra horrível nas principais ruas da cidade [feita por] um grupo de desqualificados, a alta hora da noite. Esses indivíduos além de prejudicarem o socego público, vem se portando indecentemente com phrases as mais pornographicas. Achamos que a policia deve tomar conhecimento desse facto, punindo esses indesejáveis,

⁴⁵ *O século* de 27 de outubro de 1928, ano I, nº 14.

a bem da moral pública e da tranquilidade da família campinense.

Temos nesta nota um exemplo claro que Campina Grande já não era nos idos da década de 1930 uma cidade onde todos os indivíduos meramente viviam para o trabalho ou para decantar as belezas materiais da cidade. Nesta nota encontramos mais que uma transgressão às normas de condutas “civilizadas”, que sugeriam que no período noturno todos deveriam repousar para no dia seguinte continuar as atividades que faziam a cidade crescer materialmente. Encontramos sim, indivíduos que, sem observar tais preceitos estão a criar novos territórios no espaço da rua. Se durante o dia o patrão e o trabalho enfadonho não os deixam extravasar suas emoções, no período noturno estes indivíduos podem, de maneira mais livre “tomar suas aguardentes” e sair falando de maneira mais livre suas “frases”, consideradas pelo jornal como “pornográficas”. Este território é vivenciado pelo menos enquanto o poder público não intervier e vier a recolher tais indivíduos, em nome da “moral pública e da tranquilidade das famílias campinenses”.

Contudo, nem todos os “dieterios e palavrões” que ocorrem na rua são por culpa das partidas de futebol ou mesmo dos mendigos ou indivíduos que tomam “aguardente”. Também encontramos os redatores do jornal *O Momento*, no ano de 1950, denunciando que:

rapazes bem vestidos e engravatados, que vão ao cinema por mera formalidade”, não se cansam de “aborrecer as famílias com gestos e palavras obscenas. Quebram os globos de iluminação pública, sujam os edifícios públicos e desrespeitam as famílias”. Esses “moleques engravatados também estão a incomodar no auditório da Radio Borborema”.

Nesta passagem é visível que, mesmo entre os indivíduos pertencentes aos grupos mais abastados da cidade, não encontramos um comportamento uniforme em relação aos espaços decantados como modernos ou civilizados pelos letrados. Por isto estes mesmos letrados estão a ver com ressalvas e desconfianças

equipamentos e símbolos modernos em tal sociedade. Sobre o rádio, que passa a fazer parte do cotidiano de parte das famílias campinenses nas décadas de 1940 e 1950, encontramos letrados e cronistas que escrevem matérias e artigos não só saudando a chegada deste equipamento de conforto do mundo moderno, mas também denunciando seus efeitos “maléficos”. Eis um dos comentários de um cronista do jornal *O Momento*⁴⁶: “O rádio, um veículo de tão poderosa penetração nos lares, contribuindo de maneira eficiente para a destruição dos costumes”. Esta certamente é uma visão não muito animadora de um letrado que teme o rádio enquanto equipamento moderno que pudesse trazer não só o conforto aos lares, mas também quebrar algumas dos códigos tradicionais de convivência na própria família.

No tocante ao cinema, observemos como parte da população se apropriava do espaço das projeções⁴⁷:

Ainda nesta civilisada terra de Campina Grande, vesos de sua gente, que precisam ser concertados se não reprimidos a bem do nome da cidade.

Exemplo: a assuada que os freqüentadores do Fox e as vezes do Apollo, promovem quando são levados nesses estabelecimentos de diversões filmes de barulho no farwest, ou fitas cômicas de certos atores celebres, porém, já cacêtissimos. (*O século*, de 29 de junho de 1928)

Neste fragmento é visível o descompasso entre “grau de desenvolvimento material da cidade” e os usos e apropriações de tais espaços pelos moradores de Campina Grande. Com as melhorias materiais descritas, é visível que os letrados desejavam que os indivíduos, sejam de camadas mais populares sejam das camadas mais abastadas da cidade, não continuassem a se comportar de acordo com certos preceitos e costumes tradicionais. Estes letrados desejavam que a

⁴⁶ *O Momento* de 29 de outubro de 1950, p 6, nº 6, ano I.

⁴⁷ Ver monografia de conclusão de curso de SOUZA, Lincon César Medeiros de. ‘A sessão vai começar’: o cinema e as mudanças de hábitos na Paraíba na primeira metade do século XX. Campina Grande, UFCG, novembro, 2004.

forma de se portar no espaço público dos moradores acompanhassem o “grau de desenvolvimento material da cidade”. Por sua vez, a população mais das vezes não compreendia ou mesmo não desejava mudar seus hábitos, e preferia continuar seguindo os seus modos e costumes, mesmo que seus preceitos fossem vistos como “atrasados” ou não condizentes com a cidade “progressista e civilizada”, idealizada por letrados e autoridades. As rápidas e intensas mudanças que ocorrem no seio da sociedade em um período relativamente curto da história mais das vezes não eram compreendidas ou mesmo não eram aceitas pelos indivíduos no cotidiano. Certamente por isto, os letrados escreviam e faziam denúncias diuturnas de comportamentos dos indivíduos que a cada dia redimensionavam seus lugares em tal sociedade.

Os momentos que encontramos mais visíveis os embates mencionados anteriormente remontam aos usos e significados dos equipamentos de conforto e as apropriações dos espaços urbanos, em especial das ruas da cidade. A situação e a qualidade dos equipamentos de conforto eram algo que não atraía apenas a atenção dos letrados, mas certamente incomodava as autoridades e os políticos locais, que desejavam continuar em suas posições de poder e influência na cidade.

Por mais que houvesse um crescimento no perímetro urbano campinense, as autoridades procuravam não perder seu controle sobre este espaço. Para isto, acabavam por procurar formas de intervir no espaço urbano, principalmente nos espaços populares. Uma destas formas era recorrer ao laudo de um técnico ou especialista em urbanismo. Este “criaria formas racionais” de se ocupar o espaço e “organizaria o crescimento” da cidade.

No *Jornal de Campina*, encontramos uma matéria sobre o “Plano de urbanização da urbs campinense”, que seria desenvolvido pelo urbanista e engenheiro, Dr. Nestor de Figueiredo.

Segundo as palavras deste técnico, “Campina Grande, como todas as cidades brasileiras, ressentia-se de graves erros de construção”. Contudo, um plano feito por ele naquele momento, auxiliaria as administrações futuras e faria com que a cidade entrasse no conceito dos “modernos conglomerados urbanos”.

Na matéria percebe-se que este técnico tem uma visão que é bastante difundida no Brasil das primeiras décadas do século XX: a de que as nossas cidades precisam de uma intervenção estatal para corrigir suas falhas históricas de urbanização e assim entrar no conceito do que era visto como moderno em termos de urbanização. É um saber especializado e suas opiniões parecem ser ratificadas e aceitas pela elite, imprensa, letrados e camadas abastadas da sociedade.

Exemplo não só da aceitação destes laudos técnicos, mas também da própria reivindicação destes tipos de planos para a *urbs*, encontramos na coluna “Cousas da cidade” de Cristino Pimentel. Nesta coluna encontramos o cronista envolvendo-se em debates acirrados com membros dos poderes públicos locais acerca da questão dos planos de urbanização. Em algumas de suas crônicas Cristino chama a atenção para a necessidade de planos, não só para a zona urbana de Campina, como também para distritos como Lagoa Seca e Galante, que estão se desenvolvendo e ainda estão propensos a intervenções das autoridades. Isto evitaria que estes locais crescessem de forma desenfreada e desordenada. Contudo, para Cristino, estes planos de urbanização devem ser feitos por pessoas capacitadas e não por simples “gamelas” (ou seja, pessoas sem formação, mas que não deixam de querer passar por “entendidas”). Ainda segundo Cristino, um plano para a cidade deve ser para várias gerações e não simplesmente visando o curto prazo, com ação meramente imediatista.

Um exemplo do poder e dos jogos de interesse que havia na opinião de um técnico renomado na área de urbanismo para a época em estudo, podemos encontrar no próprio *Jornal de Campina*, em uma espécie de anúncio de venda. O mesmo Nestor de Figueiredo é citado e apresentado como “grande urbanista brasileiro”, que visitando o “magnífico” bairro da Prata, teria afirmado que ali “Campina teria de localizar num futuro bem próximo as suas melhores vivendas”. Ou seja, um “parecer técnico” serve como referência não só para questões urbanistas, mas também para fins de valorização de determinadas áreas urbanas, visto que no parágrafo seguinte, a nota diz que: “ V. Excia. pode possuir desde já um terreno a prestação módicas, para construir o seu lar naquelle doce recanto... Corra, vá escolher já a planta de sua casa”. Certamente este e outros anúncios

chamaram bastante a atenção das camadas mais abastadas da sociedade campinense, pois com o passar dos anos o bairro da Prata tornou-se um dos principais pontos de moradia destas camadas da população, que em parte foram alijadas da rua Maciel Pinheiro, que muito se transformou pelas reformas empreendidas por Vergniaud Wanderlei entre as décadas de 1930 e 1940.

Se por um lado encontramos setores significativos da população campinense saudando e acolhendo as opiniões dos técnicos e urbanistas, encontramos por outro lado pistas que denunciam que os populares além de não se identificarem com tais preceitos modernos, também acabavam ironizando-os. É perceptível a irreverência popular questionando o discurso letrado e técnico no jornal *A Voz do dia* na matéria que fala de um certo “Urbanismo de Tatu”. Segundo o articulista, com as chuvas amolece o solo e isto ocasiona que várias fachadas de prédios passam a serem abatidas, principalmente na rua Presidente João Pessoa. Também nesta rua o calçamento abate, como se tatus estivessem a escavacá-lo. Obviamente esta é uma grande oportunidade para os letrados avessos às transformações ditas modernizantes, populares e certamente membros da oposição local, fazerem suas brincadeiras e “galhofas” com os engenheiros e técnicos da prefeitura e com as próprias autoridades municipais, mostrando que os mesmos estavam desenvolvendo um urbanismo de tatu.

Portanto, os discursos e conhecimentos técnicos autorizados eram vistos e apropriados de diferentes formas, dependendo do posicionamento político ou mesma da situação econômica e social do indivíduo. Um laudo técnico poderia servir para estimular vendas ou mesmo referendar intervenções das autoridades no espaço das ruas, mas também poderia ser questionado cotidianamente nas conversas e bate-papos das esquinas e dos bares da cidade.

Buscando recuperar alguns dos espaços por onde se desenvolviam estas conversas e bate-papos, no capítulo seguinte apresentarei alguns dos percursos e territórios construídos pelos moradores de Campina Grande.

Capítulo 3:

ITINERÁRIOS CAMPINENSES: PERCURSOS, MEMÓRIAS E TERRITÓRIOS

Caminhando pelas ruas centrais de Campina na atualidade, certamente poucos param para refletir ou se questionar acerca da forma como tais espaços foram construídos arquitetônica e simbolicamente. Aqueles que ainda possuem a sensibilidade, ou mesmo, o "tempo disponível"⁴⁸ de parar e sentar em um dos bancos da Praça da Bandeira, Praça Clementino Procópio ou mesmo no calçadão da Cardoso Vieira, pode fixar os olhos nos edifícios e casas comerciais e observar frontões da primeira metade do século XX, mais das vezes escondidos e "sufocados" por trás de placas publicitárias, emaranhados de fios elétricos e tantas outras coisas que cada vez mais encobrem aquelas fachadas que um dia foram edificadas para mostrar suntuosidade e trazer a sensação de que a cidade acompanhava *pari passu* as mudanças do mundo moderno.

Este olhar para tais edificações certamente pode trazer à tona uma série de memórias e recordações que também podem revelar as vivências e territorialidades dos indivíduos no espaço das ruas. Sendo assim, buscamos nas fontes pesquisadas, itinerários que poderíamos seguir por algumas das ruas centrais da cidade, tendo em vista que são para as mesmas que os letrados e memorialistas voltam mais intensamente sua atenção, afinal foi nesses espaços que os mesmos vivenciaram boa parte de suas experiências cotidianas. Procuraremos refazer estes itinerários sem, contudo, perdemos de vista os passos dos populares.

De início podemos acompanhar a seguinte nota do jornal *Voz da Borborema*, do dia 04 de agosto de 1937:

- Falece repentinamente, a jovem professora Normanda Henrique.

(...) O cortejo fúnebre, saindo da casa onde se deu o óbito, à rua Vidal de Negreiros, dirigiu-se para nossa matriz, onde o Cônego Delgado, vigário da paróquia fez a encomendação do corpo. Dai, a carreta foi conduzida

⁴⁸ Afinal, na sociedade moderna, a expressão mais corrente, "tempo é dinheiro" não deixa que "ninguém de bom senso" e "apto ao trabalho" fique parado olhando prédios

até o cemitério do Carmo por jovens estudantes do Instituto Pedagógico. (*Voz da Borborema*, 04/08/37, p. 6, nº 6, ano 1).

Esta nota, a princípio poderia passar despercebida em uma leitura apressada, contudo, se a compararmos com uma espécie de crônica de Hortensio de Sousa Ribeiro, publicada no número seguinte do mesmo jornal, poderemos encontrar alguns territórios e ruas habitados usados por uma parcela da população campinense naquela tarde de agosto de 1937.

“Nota do dia”

A luz de inverno da tarde que desce, fico a olhar o enterro de Normanda Joffily, da Avenida João da Mata, uma das ruas mais lindas de Campina Grande.

Enquanto a nossa vista condoída se estende pela fila extensa de crianças das escolas e senhoritas da sociedade campinense que vão conduzindo a pequena morta (Normanda tinha apenas 17 anos!) para o cemitério do Carmo, (...)

O dia findava (...) o cortejo mortuário longamente desfilou pela praça onde está agora a estátua de João Pessoa, estendeu-se pela rua Vidal de Negreiros, endireitou pelo flanco da Praça Clementino Procópio, Praça do Rosário, e finalmente guiou através da rua João Pessoa em demanda do campo Santo. O esquife branco era conduzido à mão por entre alas de alunas e colegas de Normanda (...) naquele último passeio através das ruas de Campina Grande (...) (*Voz da Borborema*, 07/08/37, p 1, nº 7, ano1).

Seguindo os passos do cortejo da jovem Normanda “naquele último passeio através das ruas de Campina Grande”, podemos encontrar algumas peculiaridades. Certamente boa parte da população campinense acorreu ao local onde morava, a rua Vidal de Negreiros, o que pode nos indicar que a condição social de Normanda era elevada, haja vista não só o local de sua residência, mas também o fato de seu corpo ter sido levado para a igreja matriz e também a longa crônica que a mesma recebe na primeira página do jornal. Quando o autor se refere àqueles que seguiam o cortejo, faz questão de destacar a “fila de crianças das escolas e senhoritas da sociedade campinense”. Certamente Normanda tinha

relacionamentos estreitos nas camadas mais elevadas da sociedade, afinal teve uma educação que a permitiu ser professora, tendo menos de 17 anos de idade. Observemos também que o cortejo seguiu pelas principais ruas da cidade, por entre praças, certamente despertando a atenção daqueles que estavam a desenvolver suas atividades por estes locais, mas não tinham o tempo, a permissão ou mesmo o desejo de acompanhar este "passeio" fúnebre. O espaço onde se desenvolve a ação é o mesmo, contudo a percepção dos indivíduos e os territórios construídos por estes, certamente são diferentes.

Deixando o cortejo fúnebre da jovem professora, mas continuando nossa caminhada pelas ruas campinenses, passemos a acompanhar de maneira panorâmica mais uma multidão reunida nas ruas da cidade, desta feita seguindo uma romaria. Eis o relato de Hortensio Ribeiro:

Frei Damião

Da janela de casa onde presentemente estou residindo (rua 13 de maio, nº 78), em Campina Grande, eu contemplo, na companhia de alguns amigos, a multidão devota que, seguida de Frei Damião, serpêa e se desdobra, numa massa compacta, inflectindo por cima do talude do açude Novo, em demanda do santuário de N.S. da Guia, onde suponho se realizou a pregação da tarde de domingo ultimo.

Quase tudo mulheres (...).

Vai para muitos anos que os olhos de Campina Grande não contemplam cena mais empolgante que a da tarde de domingo, em que tantos olhares materialistas admiravam conosco um povo imenso a caminhar, sob um sol inclemente asphyxiado por nuvens de poeira, agitando bandeirolas brancas ao ar livre, e guiados por um pobre frade mendicante, a entoar louvores a Deus, num coro uníssono que acordava nos nossos ouvidos desiludidos, os ecos longínquos da infância maravilhosa do christianismo. (...) (*Voz da Borborema* 22/09/37, p 1, ano 1 nº 20)

Como estamos dispostos a caminhar, neste itinerário tomamos um outro rumo. Seguindo uma das muitas romarias de Frei Damião pela cidade, o encontramos passando pela rua 13 de Maio, seguindo por sobre o "talude do

Açude Novo” em direção a igreja de Nossa Senhora da Guia, no “distante”, à época, bairro de São José.

Nesta caminhada podemos encontrar uma série de apontamentos acerca do cotidiano campinense. Inicialmente observemos o caráter mais “popular” desta multidão, haja vista, não está em demanda da matriz da cidade, mas indo para um subúrbio campinense até então, o citado bairro de São José, em um templo que não era dos mais freqüentados pelas elites locais. Outra característica desta romaria é o fato das pessoas que a acompanhava serem em sua maioria mulheres. Este relato de Hortensio Ribeiro pode de certo modo nos revelar que homens e mulheres tinham territórios diversos quando o assunto era a religião. Nos passa a impressão de que a mulher seria mais religiosa e não temia enfrentar as adversidades de uma romaria para rezar não só por si, mas, mais das vezes, por filhos e pelos próprios companheiros que ficaram em casa, ou estão a desenvolver outras atividades⁴⁹. Como já mencionado anteriormente, provavelmente as pessoas que acompanhavam a romaria de Frei de Damião tinham uma condição social mais baixa do que aqueles que acompanhavam o cortejo da jovem professora falecida pouco mais de um mês antes. É uma multidão que está a “caminhar sob um sol inclemente, asfiziado por nuvens de poeiras”, agitando bandeiras, de certo modo “clamando aos céus” por suas vidas.

Indiretamente, podemos perceber que o calçamento, uma das modernidades urbanas, não chegou nesta parte da cidade por onde caminhavam os fiéis que seguiam Frei Damião. Certamente as autoridades municipais ainda não viam estas ruas como fundamentais para marcar as impressões que os viajantes e visitantes da cidade tinham. Era preferível investir em melhorias urbanas no centro da cidade, em ruas próximas a matriz ou em pontos “chic”, como nas proximidades da Confeitaria Petrópolis, local onde deveria se encontrar

⁴⁹ Sobre a condição feminina na sociedade campinense da primeira metade do século XX há vários trabalhos entre os quais cito o capítulo 2 da tese de doutorado de SOUSA, Fábio Gutemberg R.B. de “Cartografias das mulheres na cidade: Campina Grande (1930-1940) IN: Op. Cit. ; CAVALCANTI, Silêde Leila O. *Mulheres modernas, mulheres tuteladas*. Mestrado em História, Recife, UFPE, 2000.

o que de “melhor existia na sociedade campinense”, segundo seus anúncios nos jornais locais à época.⁵⁰

Tratando dos pontos mais “chic” da cidade, vamos seguir um outro itinerário, breve, mas que nos aponta um pouco dos usos do espaço campinense feito por políticos locais:

O governador Raphael Fernandes [do Rio Grande do Norte], em companhia do governador Argemiro de Figueiredo [governador paraibano], visita Campina Grande. (...) A despeito da má luz que a Empresa nos ofereceu, S. Exia mostrou desejo de fazer um passeio a pé pela cidade. Acompanhado do governador Argemiro de Figueiredo e de numerosos amigos, o nosso ilustre visitante percorreu diversas das nossas principais artérias, havendo tomado democraticamente uma chicara de café na confeitaria Petrópolis, que há esta hora estava repleta dos mais prestigiosos elementos da sociedade local (...). (*Voz da Borborema*, 25/09/37, p 1, nº 21, ano 1)

Infelizmente neste itinerário não podemos seguir todos os passos dos governadores e comitiva, tendo em vista que o autor da nota não nos ofereceu o nome das ruas por onde caminharam as autoridades. Contudo, pelo desfecho que teve tal caminhada, feita “à noite” e “a pé”, com as limitações impostas pela qualidade da luz da cidade, podemos antever que foi um passeio breve e certamente apenas pelas artérias mais urbanizadas do centro da cidade.⁵¹ A “democrática chicara de café tomada na confeitaria Petrópolis” de certo modo nos dá a pista de quais impressões as elites locais desejavam que o ilustre visitante

⁵⁰ Observemos o que diz uma nota no jornal *Voz da Borborema* a respeito da inauguração da citada “Confeitaria Petrópolis”: Sua inauguração domingo passado nesta praça (...) À hora aprasada, centenas de espectadores e famílias de nossa elite social ali afluíram, para assistir à estréia da “Petrópolis” que vai ser um ponto chic de reunião do que melhor possui a sociedade campinense” (*Voz da Borborema*, 18/08/1937, ano 1, nº 10 p. 3).

⁵¹ Sobre a qualidade da luz em Campina Grande, como mencionado no capítulo 2 deste trabalho, há inúmeras reclamações por parte dos letrados, em suas crônicas e reportagens locais. Para compreender melhor o que se passaria em Campina Grande em tal época, vejamos o que diz uma das crônicas de Cristino Pimentel: “quem quer que transite por Campina à noite, boa impressão não terá da nossa iluminação. Há ruas, como por exemplo, a Peregrino de Carvalho, e a Praça Lauritzen que só em a gente passar causa medo, devido a escuridão. Nessa praça pode-se fazer “bicho” sem o perigo de ser descoberto”. Certamente estas são ruas em que as autoridades locais não levariam visitante tão ilustre.

levasse consigo para o Rio Grande do Norte. Certamente a estética e a higiene de alguns dos bares e casas comerciais da cidade não se enquadravam no perfil do que os indivíduos mais abastados da elite local consideravam dignos de ser representativo de Campina Grande. Também o aspecto, o odor e as características mais humildes de algumas das ruas da cidade certamente não seriam dignas de serem apreciadas pelos visitantes. Portanto, era melhor evitar tais locais, levando o governador e sua comitiva aos territórios que as elites locais construíam e julgavam ser o que de melhor representaria Campina Grande.

Antes de darmos prosseguimento por nossos itinerários pelas ruas campinenses, aproveitemos o ensejo de estarmos bem no centro da cidade e vejamos como Antonio Pereira de Moraes nos fala a respeito das entradas no Cine-Fox:

No cine-fox havia primeira e segunda classes. A primeira entrava pela frente do cinema, na rua Grande (Maciel Pinheiro), quase em frente a residência de Monsenhor Sales. A segunda classe entrava por trás, onde corresponde hoje, ao centro de saúde. Tinha um portão no final do muro, junto ao posto telefônico, que era dirigido por Zé Telefone. No muro ficava a casa do motor que fornecia energia para o cinema. Não havia ainda a luz elétrica por toda a cidade. (MORAES, 1985:38)

Percebe-se nos relatos do memorialista que Campina não era só “poesia e imagens inocentes”. O autor deixa transparecer as tentativas de divisão social no tocante ao acesso aos espaços privados e públicos. Nesta memória sobre o “Cine-Fox” é interessante não só a descrição do espaço físico, mas também a chamada que o autor faz sobre as entradas no cinema. Aqueles da primeira classe entravam pela frente do cinema, na rua Grande (Maciel Pinheiro), os da segunda classe entravam por trás, por um portão no final do muro, onde depois foi construído o Centro de Saúde. O autor não especifica se a primeira e a segunda classe eram divididas pelo preço do ingresso e pelo conforto oferecido no cinema. Tratando da questão do preço do ingresso, Epaminondas Câmara mostra que no ano de 1925, “irrompeu em maio uma greve pacífica contra a alta de preços dos

ingressos” cobrados nos cinemas locais (Apolo e Fox). Por este motivo os cinemas deixaram de funcionar por dois meses, só voltando quando atendidas os reclames dos usuários. Portanto, dependendo da condição social do indivíduo o mesmo teria que seguir itinerários diferentes para chegar a sala do cinema. Note-se que a entrada da “primeira classe” era justamente pela rua Grande, a rua que as elites campinenses mais identificavam como sendo um território próprio para morar, se divertir, fazer compras e passear.

Nas memórias de Francisco Maria, podemos perceber um pouco melhor como estas elites desenvolviam suas territorialidades na rua Maciel Pinheiro. Este memorialista relata de forma saudosa suas idas a loja “Modas e Confecções Rocha”, nesta rua, onde fazia sua roupa, sob medida, de linho branco, “condição essencial para o jovem se considerar elegante”. Neste local, jovens da mesma condição social põem em dia as conversas e fazem os planos para as “matinais do 31, na retreta do Esial”,

Voltando as memórias de Antonio Pereira de Moraes, podemos fazer um percurso diferente, em um tempo festivo na cidade, no caso na “Festa da padroeira”. Eis o relato:

Nas décadas de 20 a 30 as festas de fim de ano eram realizadas em homenagem a padroeira da cidade, N. S. da Conceição. Estendia-se a festa, desde a frente da matriz até parte da rua Maciel Pinheiro, dobrando pela casa da esquina, que era a residência de Monsenhor Sales, e ia até a esquina da Simeão Leal. Aquele trecho que sai para a Peregrino de Carvalho, ainda não existia, era completo de residências(...)

Uma parte bem interessante e curiosa da festa era a famosa Lagoa de Roça aos lados da igreja. Eram barracas feitas de palhas, onde serviam comidas e bebidas. Os freqüentadores eram, na maioria, boêmios e gente de menor nível econômico. Quando se via gente mais importante em Lagoa de Roça, era para o encontro de algum amor clandestino. A elite da cidade freqüentava os pavilhões localizados no centro da rua principal, aquém da matriz, feitos a capricho, forrados de tabuas e cercado de gradis e bem cobertos (...) Da matriz até o grupo escolar Sólon de Lucena (hoje reitoria), ficavam as barracas com prendas e sorteios, roletas e jogos com prêmios em mercadorias(...) Terminada a novena, na matriz, ficava o povo no passeio, que ia desde a frente da igreja até o Palace

Hotel, duas casas depois da residência do Dr. Acácio de Figueiredo (MORAES, 1985, p. 42-43)

Sobre a festa da padroeira, o autor mostra que havia a “famosa Lagoa de Roça” aos lados da igreja, sendo freqüentada por “boêmios e gente de menor nível econômico”. A elite freqüentava os “pavilhões”, localizados no centro da rua principal. Nesta memória o autor traça toda uma cartografia da ocupação e das hierarquias dos espaços da festa, mas não deixa de transparecer que “gente importante na lagoa de roça” ia para o “encontro de algum amor clandestino”. Certamente tal passeio e romance era percebido e censurado pela camada mais alta da sociedade. Contudo, se o autor narra esta possibilidade, certamente podemos ampliá-la e imaginar que o inverso ocorreria, com populares “perturbando” a “tranqüilidade” dos pavilhões. Em um espaço da frente da matriz até parte da Maciel Pinheiro, dobrando na esquina da residência de Monsenhor Sales e indo a esquina da Semeão Leal, muitas vidas e histórias se cruzavam, independentemente da vontade de uma determinada camada social.

3.1- “Cousas da cidade”: um olhar diuturno sobre as ruas de Campina Grande

Para finalizarmos nossa caminhada por parte da história de Campina Grande, através de suas ruas, podemos buscar alguns aspectos mais gerais nas crônicas e memórias de Cristino Pimentel.⁵²

Para continuarmos a seguir nosso itinerário passemos a analisar a coluna “Cousas da cidade” (em alguns jornais a denominação é “Coisas da cidade”). Nesta coluna Cristino mandava suas “pitombadas”, assumia suas posições, marcava território e se envolvia em muitas polêmicas. Assim, podemos vislumbrar

⁵² A maioria das crônicas e memórias de Cristino Pimentel foram publicadas em jornais do período do recorte temporal deste trabalho, como *A batalha*, *A razão*, *A ordem*, *A imprensa*, *O rebate*, etc. Contudo, nem sempre podemos precisar em qual jornal foi publicada, nem a data desta publicação, pois as pesquisas foram feitas em sua maioria de um acervo catalogado pelo próprio Cristino Pimentel onde só se encontravam os recortes dos jornais. O que se percebe é que algumas são datadas da década de 1930, principalmente sua segunda metade, e na década de 1940. Ver Sousa, Op cit. p 87.

este autor envolvido em diferentes lutas, com diferentes personagens, desde prefeitos (independentemente da cor partidária), autoridades estaduais, empresas, comerciantes locais, etc. Algumas das polêmicas em que Cristino se envolveu dizem respeito à remoção da estátua de João Pessoa, melhorias urbanas na rua do Progresso, exigência de um planejamento urbano para locais como Lagoa Seca e Galante, aumento no número de escolas em Campina Grande, iluminação nos logradouros e locais públicos, as "gaitas" dos automóveis, remoção da "Casa Rossbach..." Enfim, a coluna "cousas da cidade" retrata o dia-a-dia campinense, com suas controvérsias, elogiando quando merecido, cobrando quando necessário. Cristino fez um caminho muito singular na análise do cotidiano de Campina Grande e acabou deixando crônicas que nos dão uma idéia do que poderia estar a inquietar a cidade naqueles tempos.

Como já mencionado, na coluna "cousas da cidade" Cristino Pimentel trabalha diferentes temáticas, contudo daremos maior ênfase às crônicas sobre as ruas campinenses. Foram escritas crônicas e memórias específicas sobre as ruas Maciel Pinheiro, rua do Açude Novo, Afonso Campos, rua do Emboca, Monsenhor Sales, Venâncio Neiva e a rua Nova. Além destas, há menções a cenários e personagens das ruas campinenses em outras passagens de suas crônicas e memórias.

Iniciando nossa caminhada pelas ruas e pelos escritos de Cristino Pimentel, passamos a andar pela rua Maciel Pinheiro. Percebe-se pela própria extensão dos escritos a importância que teve e tem esta rua para a cidade. Seguindo a narrativa do autor, podemos vislumbrar esta rua com suas gameleiras, poeirenta, com cavalhadas, topadas de boi, entrudos, feiras, cinemas, etc. Segundo o autor, o que acontecia em Campina esta rua era testemunha, desde "procissões e retretas aos carnavais e comícios".

A Maciel Pinheiro mudou de nome várias vezes, foi a "rua grande", "rua da Feira", "rua das gameleiras", "praça Epitácio Pessoa", até chegar à nomenclatura oficial de Maciel Pinheiro. O que mudou totalmente o aspecto desta rua foi a grande reforma por que passou Campina Grande na gestão de Vergniaud Wanderley. Passou a ter sobrados e foi alinhada. Importante contribuição de

Cristino é a recuperação que o mesmo faz dos habitantes da rua, não só os “grandes nomes” e famílias do comércio, mas também dos populares que andavam por esta e outras ruas e tinham na venda do Major Tito uma “espécie de quartel general dos desgraçados”.

“Dobrando” a esquina, entramos em outra rua rememorada por Cristino, trata-se da “rua Monsenhor Sales”, afinal, segundo o autor, o que “acontecera na rua Grande (Maciel Pinheiro) repercutia no Beco de Zé Bernardino” (Monsenhor Sales). Os nomes pelos quais os populares conheciam a Monsenhor Sales variavam bastante e até certo ponto ajudam a explicar as características desta rua. Foi o “Beco da onça”, Beco do “jogador de espada”, Beco “do Hotel de Zé Bernardino”, “Beco do açougue”, Beco do “atoleiro” e, com a intervenção municipal, passou a ser a “rua da Independência” e depois “rua Monsenhor Sales”.

De traçado tortuoso, a Monsenhor Sales também foi transformada arquitetonicamente na gestão de Vergniaud Wanderley, tendo seu alinhamento sido feito em tal período. O autor chama a atenção para o caráter comercial que sempre teve esta rua, onde desde o “mais famoso” hotel da cidade, o hotel de Zé Bernardino, aos quiosques, barbearia e livraria, todos se instalaram e fizeram parte do cenário cotidiano da rua Monsenhor Sales. Outra característica que Cristino chama a atenção acerca desta rua, são os personagens como a “Monsenhora”, (que se dizia esposa de Monsenhor Sales) e a “Minas Gerais” (uma prostituta de 120 quilos, segundo Cristino).

Nas próprias palavras de Cristino Pimentel, observemos alguns dos aspectos mais marcantes a respeito da rua Monsenhor Sales:

Citemos, por exemplo, a travessa Monsenhor Sales, artéria que liga a rua deste nome com a Cardoso Vieira e Venâncio Neiva. Essa artéria mostra um aspecto duplamente infeliz: imunda e fedosa. (...) Situada entre duas ruas mais ou menos cuidadas se comunicando com o palácio da prefeitura, o qual tem seus fundos ligados a ela por onde as saúvas municipais entram às vezes para o serviço diário, sem reparar nem bocejarem com a sujeira ali existente, desafiando as narinas mais ronceiras de transeuntes com sua exalação rosbaqueana (...) e aí temos a Travessa Monsenhor

Sales que, comparando mal, serve de cozinha e de campo de despejo da rua Marquez do Herval, onde está situada a morada oficial do benemerante prefeito campinense e seus auxiliares. (...) Estou certo que se o Dr. Pereira Diniz partindo um dia de seu lar a pés, e em vez de rumar a Praça Epiácio Pessoa seguisse pela rua Cardozo Vieira e penetrasse na travessa citada para entrar pelos fundos de “sua casa” pública, juro por Deus e pelo Diabo, que ele mandaria, a todo custo, acabar com aquela nódoa tristonha da traseira do palacete da prefeitura. (“Cousas da cidade” de 29 de junho de 1935).

Encontramos neste itinerário uma Campina Grande com ruas servindo de depósito de lixo, “que desafiam as narinas mais ronceiras de transeuntes”. O autor da crônica nos leva a caminhar pelas ruas centrais da cidade antes das reformas urbanas empreendidas na gestão de Vergniaud Wanderley, entre as décadas de 1930 e 1940.

É perceptível que Cristino convida o prefeito da cidade e seus colaboradores a fazerem um caminho diferente em seu percurso para o trabalho na prefeitura. O autor mostra toda sua ironia e indignação ao tratar de uma artéria que deveria ser mais cuidada, tendo em vista que se trata da rua que dá para os fundos da prefeitura. Certamente este itinerário era bastante percorrido pelos populares que trabalhavam nas redondezas destas ruas ou mesmo por ai passavam em seu caminho para desenvolver suas atividades em ruas mais comerciais, como a rua João Pessoa. Passar cotidianamente por este local certamente não despertava em tais transeuntes a sensação de se estar vivendo em uma cidade “civilizada” e “progressista”, mas em uma localidade que não tinha sequer a capacidade de ter ruas limpas e sem odores tão fortes.

Para prosseguir viagem pelas ruas campinenses podemos sair da rua Monsenhor Sales e passarmos a caminhar pela rua Venâncio Neiva. Contudo, uma descrição do que existia antes ou durante a formação desta rua nos ajuda a compreender melhor como era o espaço físico da mesma. Segundo Cristino:

“Passaram as “almas”, como passaram os sítios, as cercas de varas, o riacho que corria na rua, a “casa

Rosbach”, a “caixa de fósforo”, a pontezinha do riacho, a rua Jose Precipício, as casinhas baixas de seu Tito, onde também moravam as “almas”, para darem lugar a rica artéria de hoje, que se chama Venâncio Neiva (...) no tempo que Werniaud Wanderley foi prefeito” (PIMENTEL, 1956:228)

Quando transcrevemos literalmente as palavras de Cristino é justamente para mostrar como fora o espaço desta rua em um tempo pretérito e como a ação humana a havia transformado com uma necessidade incessante de “melhorar e evoluir”, nas palavras do próprio Cristino. Pelo que se percebe esta rua em seus primórdios não possuía a pompa da Maciel Pinheiro ou a vida comercial da rua Monsenhor Sales, mas era formada por sítios e vazantes de capim, que com o passar dos anos foram sendo substituídas e “engolidas” pelo avanço territorial da cidade.

Apertando o passo, podemos adentrar em outra artéria da cidade a qual Cristino dedicou uma crônica, trata-se da rua Afonso Campos ou antiga rua do Meio. Nesta, podemos vislumbrar “de um lado casas baixas de beira e bica”, com pequenos frontões; do outro casas altas, de frontões construídos em cima da barreira”. Percebe-se que esta rua tinha um desnível que se tentou corrigir em 1935. O destaque do autor é para o número de opositoristas a política local, os “bacuraus”, que residiam nesta rua. Nesta também se localizou a “charanga Afonso Campos”, o “Campinense Clube”, o jornal “A razão”, levados a frente pelos opositoristas. Também na memória desta rua Cristino narra a “morte poética” do Boêmio Jose Nóbrega, que seguindo um itinerário “sem volta” rumou por esta rua com seu violão no peito até chegar as águas do “açude velho”, onde entrou na água com violão e tudo, vindo a falecer por afogamento.

Saindo da rua Afonso Campos e descendo ao açude novo, encontramos duas memórias de Cristino acerca desta rua que hoje conhecemos por rua Treze de Maio. Segundo Cristino:

Nenhuma rua desse tempo foi tão movimentada como a rua do Açude Novo. Pelo seu leito passavam diariamente grandes comboios de lã, vindos do Sertão e

do Cariri e voltavam pelo mesmo caminho os burros carregados de gêneros para abastecer populações longínquas de Batalhão, Monteiro, Patos (PIMENTEL, 1956:66)

Esta rua por ser a da infância do autor é justamente aquela que o mesmo descreve com maior riqueza de detalhes, inclusive com a memória de pessoas que “viveram e morreram” na mesma, bem como episódios que apontam para características de muitos destes moradores, desde as brigas por causa de “intrigas” e “invejas” de vizinhos até as disputas religiosas da Sra. Bandeira, católica “praticante” e “fanática”, com os “nova-seita”, residentes nesta rua.

Continuando nosso percurso pelas ruas da cidade, através das memórias e crônicas de Cristino, podemos lançar nossa atenção para a “rua nova”. Deixemos que o próprio Cristino nos aponte alguns aspectos interessantes desta rua:

A rua nova, era uma das artérias mais movimentadas da cidade antiga, e continua sendo hoje como praça da Bandeira. Por ela passavam as pesadas carroças puxadas a juntas de bois, carregadas de algodão e couros em demanda da estação da estrada de ferro, retornando cheias de mercadorias para o comércio(...)Tempos depois a rua nova passou a chamar-se Largo do Rosário, e, por fim, praça da Bandeira(...) . No fundo da rua nova tinha pouso a Cadeia Velha, construída em 1877, e foi demolida em 1935, para dar lugar a praça Clementino Procópio, um centro de atração muito vivo, onde costuma a mocidade em todas as tardes e noites alegres cochichar com as namoradas catitas, a vista dos focos elétricos (PIMENTEL, 1958: p 251).

Comércio intenso: este é o legado que o autor nos aponta acerca da “rua nova”. Neste percurso podemos observar que estamos caminhando por uma das mais movimentadas ruas da cidade, principalmente quando sua vida comercial girava entorno do algodão que é enviado para a estação do trem.

No fim do fragmento transcrito, encontramos uma característica de Cristino Pimentel: suas descrições são direcionadas não só para o passado da rua, mas também trazem aspectos do cotidiano que o mesmo está presenciando. Sendo

assim, o mesmo acaba nos revelando como um determinado prolongamento daquela antiga artéria da cidade estava sendo utilizado no período que a crônica está sendo escrita. Mesmo que de uma forma mais poética do que crítica, Cristino lembra os namoros “a vista dos focos elétricos”. Este desfecho acaba nos apontando como a luz elétrica, um dos equipamentos de conforto do mundo moderno, já estava a fazer parte do cotidiano campinense na primeira metade do século XX.

Ainda na memória de Cristino Pimentel acerca da rua “nova”, é possível que passemos em vista alguns aspectos do ambiente da rua dos “armazéns”, atual rua Márquez do Herval. Eis o relato:

Quem, antigamente, saia da rua Nova, entrava na rua dos “armazéns”, a atual Márquez do Herval. Essa rua tem uma longa história, desde o tempo que entregava o seu largo leito descalço para os grandes empilhamentos de sacas de algodão. As tropas de burros davam um pitoresco agreste com o bando dos almocreves trazendo largas carteiras a tira-colo, algumas enfeitadas de espelhos. Era poético. (PIMENTEL, 1958: p. 251)

Pela descrição de Cristino, é visível que a rua dos “armazéns” não fazia parte dos espaços tradicionais de convivência das camadas mais abastadas da sociedade campinense. Aqueles que cotidianamente estão a transitar por esta rua, estão de certo modo buscando meios para garantir sua sobrevivência. O que Cristino denomina de “visão poética” acerca das “carteiras a tira-colo enfeitadas com espelhos”, pode nos parecer que o mesmo, apesar dos avanços materiais da cidade, sentia saudades do tempo em que os mais diferentes indivíduos oriundos da zona rural vinham para Campina Grande e aqui expunham seu visual “matuto”. O autor não deixa de transparecer seu saudosismo em relação ao passado campinense.

Para concluirmos nosso itinerário pelas ruas campinenses através dos relatos e memórias de Cristino Pimentel, podemos fazer um percurso diferente e adentramos na mais “popular das ruas” que este autor dispensou sua atenção. Estamos nos referindo a “rua do emboca”, nome popular pela qual era conhecida

a atual rua Peregrino de Carvalho”. Observemos como encontraríamos esta rua em boa parte da primeira metade do século XX:

A rua da qual nos ocupamos está cadastrada com o nome de Peregrino de Carvalho. De 1900 até 1948, a rua do “Emboca” não sofreu nenhum surto de reforma: conservou e conserva ainda hoje, em parte, o mesmo aspecto dos tempos antigos, casebres de beira e bica e pequenos frontões que serviam de pousada a pobres mulheres que viviam de vender o corpo nos prazeres viciosos, que o falso amor proporciona com largueza de despudor. (PIMENTEL, 1956:p 106).

Pela descrição que Cristino nos mostra é visível que a rua do emboca não era das mais bem quistas por autoridades e mesmos letrados.

É uma rua “esquecida” pelas autoridades municipais, afinal se passa quase metade de um século sem que nenhum melhoramento público seja feito nesta artéria da cidade. Vale ressaltar que no início da década de 1940 a cidade passou pelas reformas urbanas do prefeito Verniaud Wanderley, que transformou arquitetonicamente varias ruas do centro da cidade, como por exemplo à rua Monsenhor Sales.

Pelas próprias palavras de Cristino Pimentel é visível que a rua do Emboca também não era bem vista pelos letrados locais. A forma como o mesmo se refere as “pobres mulheres que viviam de vender o corpo nos prazeres viciosos” deixa transparecer que esta era uma rua em que os hábitos de seus moradores e moradoras principalmente, não eram condizentes com a “moral e os bons costumes”. Devemos compreender que este tipo de julgamento era comum entre os letrados que viam como perniciosos os hábitos dos indivíduos que iam de encontro a moral dominante em tal época.

Apesar de não se desvencilhar da sua visão “tradicional” de conceber os costumes e hábitos das pessoas na sociedade, Cristino não deixa de fazer sua denuncia acerca da situação material da rua do Emboca:

O progresso que quase tudo transformou e remodelou em Campina Grande, respeitou ou esqueceu essa rua

central da cidade. Nenhum prefeito, até 1948, enxergou que a rua querida e preferida dos boiadeiros, carecia de uma roupa nova. (PIMENTEL, 1956: p. 108)

Com sua inconfundível ironia, nosso cronista faz sua denúncia acerca das condições materiais da rua “preferida dos boiadeiros”. Note-se que, o progresso “respeitou”, ou o que é mais provável, “esqueceu” esta rua central da cidade. Este descaso para com a rua do Emboca de certo modo nos revela como as autoridades municipais tratavam os locais da cidade onde seus freqüentadores no cotidiano não eram membros das elites locais. (pelo menos a “luz do dia”). Os moradores e transeuntes de tais ruas tinham seus códigos próprios de sobrevivência e concebiam a sociedade de maneira mais das vezes bastante diversa do que os letrados ou autoridades desejavam, por isto, acabavam não sendo contemplados de maneira imediata com os confortos e melhorias urbanas.

Certamente, poderíamos seguir inúmeros itinerários pelas ruas campinenses, principalmente quando nos deixamos guiar pelos apontamentos de Cristino Pimentel, cronista e memorialista campinense que dedicou boa parte de sua vida a descrever e tentar interpretar o cotidiano da cidade. Contudo, momentaneamente o que nos interessa enfatizar é que, seguindo descrições dos locais e das memórias dos cronistas e outros indivíduos que exteriorizam suas percepções do espaço que os cercam, é possível perceber uma parte significativa da dinâmica da cidade moderna. Tais descrições podem ser uma importante porta de entrada para buscarmos recuperar variados aspectos do cotidiano dos moradores de determinadas ruas. Estas vivências criam territórios que tornam o espaço urbano, um espaço carregado de significados e memórias. As experiências vividas pelos indivíduos em tal espaço, acabam por tornar “vivo” e dinâmico, ou dar uma nova dimensão ao espaço da própria cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente trabalho, reitero que as ruas são um palco privilegiado para buscarmos compreender o advento do moderno no século XX. Analisando as transformações físicas pelas quais as ruas passaram torna-se possível identificar algumas das mudanças de hábitos e práticas de sociabilidade dos habitantes da cidade em diferentes momentos históricos.

Assim como caminhar pelas ruas das cidades modernas não é tarefa fácil nos dias atuais, também investigar as mudanças do espaço urbano e as implicações destas mudanças na vida dos cidadãos não é tarefa simples para a investigação histórica. Em cada esquina, a cada cruzamento, nas praças e jardins da cidade, múltiplas vivências e encontros se dão cotidianamente entre indivíduos que, com suas particularidades resignificam os ambientes e criam territórios para si e para seus grupos. Diante deste quadro, podemos perceber que o historiador tem um trabalho árduo, contudo, muito importante, no sentido de tentar captar esta multiplicidade de sentidos e formas da cidade moderna e de seus habitantes, tornando possível aos contemporâneos compreenderem um pouco destas lógicas urbanas.

Por fim, é importante ressaltar que devemos buscar nas fontes mais que meras descrições dos ambientes e personagens. Devemos sim, buscar singularidades que permitam visitar tão amplos espaços de sociabilidade, onde indivíduos e grupos sociais convivem, nem sempre de forma harmônica, mas em uma espécie de pacto mútuo de tolerância recíproca. Ao longo deste trabalho buscamos apresentar como letrados, autoridades, técnicos e populares viviam esta espécie de jogo permanente, esta relação de poderes, que se desenvolvia em cenários muito concretos, no caso, no espaço das ruas.

Diante do exposto neste trabalho, podemos perceber que olhares diferentes podem se voltar para o estudo das “cidades” e das “culturas na cidade”. Esta visão múltipla é o que enriquece a pesquisa histórica e torna possível enveredarmos pelos diferentes espaços, pelas diferentes vivências no cotidiano dos moradores da cidade moderna, por isto é importante ressaltar a importância e os variados

redimensionamentos que podemos dar ao estudo da modernidade urbana. Certamente o estudo das vivências de homens e mulheres no espaço das ruas é uma dessas possibilidades.

FONTES DE PESQUISA

JORNAIS

O XV DE NOVEMBRO, Campina Grande, outubro de 1908/junho de 1909.

O CAMPINA GRANDE, Campina Grande, julho a agosto de 1909.

A GAZETA DO SERTÃO, Campina Grande, dezembro de 1923.

CORREIO DE CAMPINA, Campina Grande, janeiro de 1927.

O SÉCULO, Campina Grande, junho 1928/abril de 1929.

BRASIL NOVO, Campina Grande, janeiro de 1931/ fevereiro de 1932.

JORNAL DE CAMPINA, Campina Grande, janeiro/ março de 1933.

A BATALHA, Campina Grande, novembro de 1934/ abril de 1935.

VOZ DA BORBOREMA, Campina Grande, junho de 1937/ julho de 1940.

O REBATE, Campina Grande, outubro de 1932/ julho de 1948.

A VOZ DO DIA, Campina Grande, maio de 1945.

CORREIO CAMPINENSE, Campina Grande, agosto de 1949.

O MOMENTO, Campina Grande, setembro/ novembro de 1950.

MEMÓRIAS E CRÔNICAS

MARIA FILHO, Francisco. *Crônicas*. Campina Grande, S.e; s.a.

MORAES, Antônio Pereira de. *Vi, ouvi e senti. Crônicas da vida campinense e outras narrativas- versinhos de ontem e de hoje*. Campina Grande, s. e., 1985.

PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do passado*. Campina Grande: Editora Teone, 1956.

----- . *Pedaços da história de Campina Grande.(2º volume de Abrindo o livro do passado)*. Campina Grande, Livraria Pedrosa, 1958.

----- *Mais um mergulho na história campinense.* Campina Grande,
Editora Caravelas, 2001.

RIBEIRO, Hortensio de Sousa. *Vultos e fatos.* Impresso no Brasil, 1979.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA SANTOS, Antonio César de. Curitiba: depoimentos da transformação urbana. IN: *A cidade em debate*. MATOS, Maria Izilda S.e SOLLER, Maria Angélica (orgs). São Paulo: Ed. Olho d'água, 1999, pp 211-245.

ARANHA, Gervácio Batista. "Visões da modernidade urbana: a experiência nortista". IN: *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e região: Tramas Político-Econômicas e Práticas Culturais (1880-1920)*. Doutorado em História, Unicamp, Campinas, 2001:249-317.

BARDET, Gaston. *O urbanismo*. Tradução Flávia Cristina S. Nascimento. Campinas, Papyrus, 1990, 141 p.

BRESCIANI, Stella. "História e historiografia das cidades um percurso". IN: *Historiografia brasileira em perspectiva*. FREITAS, Marcos César (org.). São Paulo, Contexto, 1998:237-258; e "A descida aos infernos". IN: *Londres e Paris no séc. XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994: p 23-48.

CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Ed. Caravela, 1998, 164 p.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O nome da rua et O nome do beco IN: *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo, 1996:p 131-269 e 263-269.

LACAZE, Os métodos do urbanismo. Tradução Marina Appenzeller – Campinas: Papyrus, 1993, 132 p.

LUZ, Madel T. O corpo da cidade IN: *Olhares sobre a cidade*. PECHMAN, Robert Moses (org). Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ, 1994: p 181-193.

MARINS, Paulo César Garcez. "Habitação e vizinhança: limite da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras". IN: *História da vida privada no Brasil*, volume 3. São Paulo: Cia das Letras, 1997: 131-214.

MATOS, Maria Izilda S. Prefácio In: *A cidade em debate*. MATOS, Maria Izilda S.e SOLLER, Maria Angélica (orgs). São Paulo: Ed. Olho d'água, 1999.

PECHMAN, Robert Moses. Olhares sobre a cidade IN: *Olhares sobre a cidade*. PECHMAN, Robert Moses (org). Rio de Janeiro: Ed da UFRJ, 1994: p 3-8.

----- Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade IN: *Cidade & história*. FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio A F. Salvador: UFBA/ Faculdade de Arquitetura. Mestrado em arquitetura e urbanismo; ANPUR, 1992, p.33-44.

RAMINELLI, Ronald. "História Urbana". IN: *Historiografia em perspectiva*. FREITAS, Marcos Cezar (org). São Paulo, Contexto, 1998:185-202.

RODRIGUES, José Carlos. "Cidade e campo" IN *O corpo na História* Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999, pp 97-108.

ROLNIK, Raquel. História urbana: História na cidade? IN: *Cidade e história*. FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio A F.(orgs) Salvador: UFBA/ Faculdade de Arquitetura. Mestrado em arquitetura e urbanismo: ANPUR, 1992, p. 27-29.

SEVCENKO, Nicolau. "Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso" e "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". In *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo e. *Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de. *Cartografia e imagens da cidade: Campina Grande – 1920-1945*. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, 2001.

SOUZA, Lincon César Medeiros de. 'A sessão vai começar': o cinema e as mudanças de hábitos na Paraíba na primeira metade do século XX. Graduação em História. UFCG. Novembro, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. "História das mentalidades e história cultural" IN: *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Cardoso, Ciro Flamarion e Vainfas, Ronaldo (orgs). Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp.127-162.